

Neste Número
IPC de abril e maio
Comprova sucesso do Plano Cruzado

INDICADORES IBGE

- Crescimento da atividade econômica
- Bom comportamento do mercado de trabalho
- Nova estimativa da safra agrícola
- Suplemento: Índices de insumos da Construção Civil



Nova Série
Volume 5, Número 5, maio 1986

Indicadores IBGE
 V. 5, N. 5, maio 1986

IBGE

Presidente: Edmar Lisboa Bacha

Diretor-Geral: Regis Bonelli

Diretor de População e Social:
 Cláudio Leopoldo Salm

Diretor de Economia:
 Eduardo Augusto de Almeida
 Guimarães

Diretor de Agropecuária, Recursos
 Naturais e Geografia:
 Charles Curt Mueller

Diretor de Geodésia e Cartografia:
 Mauro Pereira de Mello

Diretor de Administração:
 Alexandre de Amaral Rezende

Diretor de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal:
 Suzana Pinheiro Machado
 Mueller

Diretor de Informática:
 Mário Aloysio Telles Ribeiro

Indicadores IBGE

Conselho Editorial

Charles Curt Mueller
 — Diretor da DAG

André Cezar Medici
 — Assessor-Chefe da DPS

José Guilherme Almeida dos Reis
 — Assessor-Chefe da DEC

Editor Responsável:

Irineu Guimarães
 — Superintendente do CEDIT

SUMARIO

1 — ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR — IPC	
Comentários do IPC de abril	3 a 5
Comentários do IPC de maio	6 a 8
Tabelas (variação dos índices de abril e maio)	9 e 10
2 — PESQUISA MENSAL DE EMPREGO — PME	
Comentários	11 a 13
Tabelas (taxa de desemprego, ocupados, conta própria, rendimento médio)	16 a 25
Notas explicativas	26 e 27
3 — INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA	
Comentários	29 a 36
Tabelas (produção física — Brasil, produção física — regional) ...	37 a 45
4 — CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL — SINAP	
Comentários	47 a 51
Tabela (custo médio, número índice e variação)	53
5 — ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL	
Comentários	55 a 58
Tabelas (área, produção, rendimento médio e dados finais da safra-85) ...	59 a 73
6 — SUPLEMENTO	
Construção civil — índices de insumos típicos	75 a 78
Tabelas (índices de insumos da construção civil)	80 e 81

CONVENÇÕES

- ... O dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não.
- Quando, pela natureza do fenômeno, não puder existir o dado.

APRESENTAÇÃO

A partir deste número, os Indicadores IBGE incorporam duas modificações importantes. A primeira é a alteração na data de divulgação: os usuários passarão a receber a publicação após o dia 20 de cada mês. Isto decorre da mudança na data de liberação do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), que deverá ocorrer ao final da primeira quinzena de cada mês.

A segunda alteração é a criação de uma nova seção, intitulada **Suplemento** que permitirá a divulgação de pequenos artigos de caráter metodológico ou analítico, bem como de séries retrospectivas e dados mais desagregados, referentes aos indicadores produzidos pelo IBGE. O primeiro trabalho incluído nesta nova seção apresenta as séries de índices de produção física de insumos da construção civil, que poderão servir como primeira aproximação para o acompanhamento conjuntural do setor. As séries são precedidas por notas metodológicas e comentários sobre os resultados.

Estas alterações não modificam a estrutura básica dos **Indicadores IBGE**, composta de cinco seções correspondentes as cinco principais pesquisas de caráter conjuntural elaboradas pelo IBGE.

Na primeira seção deste número, o leitor encontrará os resultados do IPC referentes a abril (0,78%) e maio (1,40%). Estes resultados revelam que o Plano Cruzado vem obtendo sucesso na estabilização de preços. Os dados mais desagregados permitem observar que a principal causa da variação positiva de preços tem sido a alta nos artigos de vestuário, acompanhada, em maio, da elevação de preços dos carros usados.

As estatísticas das seções 2 e 3 mostram que a atividade econômica no país vem se elevando. A taxa média de desemprego aberto manteve-se estabilizada em abril (4,3%, contra 4,4% em fevereiro e março), fazendo com que a taxa de desocupação do primeiro quadrimestre de 1986 permaneces-se substancialmente abaixo da verificada em igual período de 1985.

Na mesma direção apontam os índices da produção industrial referentes a abril. O nível de produção sazonalmente ajustado atingiu valor próximo ao verificado nos meses imediatamente anteriores ao Plano Cruzado, evidenciando que a desaceleração observada em março foi transitória, fruto da adaptação das empresas à nova realidade econômica. As elevadas taxas de crescimento de abril (19,6%) e do primeiro

quadrimestre (11,8%) devem ser devidamente qualificadas, uma vez que na base de comparação de ambas está o mês de abril de 1985, marcado pela virtual paralisação da atividade industrial em vários segmentos importantes devido às greves deflagradas naquele mês.

Finalmente, as seções 4 e 5 apresentam, respectivamente, os resultados dos índices e custos da construção civil e a estatística da produção agrícola anual, esta última apresentando as estimativas da safra agrícola de 1986 com base em levantamento realizado em abril deste ano.

Conselho Editorial

1 - ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR - IPC

COMENTÁRIOS SOBRE O IPC DO MÊS DE ABRIL DE 1986

A variação do Índice de Preços ao Consumidor - IPC do mês de abril foi de 0,78%, resultado da comparação dos preços coletados no mês de abril com os preços coletados no mês de março. Considerando o IPC de março (- 0,11%) e o IPC de abril (0,78%), a variação acumulada de preços foi de 0,67%.

O IPC de abril apresentou variações positivas em todos os seus grupos, excetuando-se apenas o grupo Alimentação, com variação negativa de 0,65% em razão, principalmente, da queda de preços do café moído. Registre-se que as últimas tabelas da SUNAB, divulgadas no final de março, apresentaram cerca de 150 itens a mais do que a anterior, reajustaram os preços de 130 itens e reduziram os preços de 250. A variação dos produtos não alimentícios foi de 1,58% em razão dos aumentos nos preços dos artigos de vestuário e dos automóveis usados.

Os comentários a nível de grupo encontram-se a seguir e, na tabela 1.1, as variações do Índice geral e por grupo para as dez regiões metropolitanas que compõem o IPC.

ALIMENTAÇÃO

O café moído, com queda de 5,84%, foi o produto que, isoladamente, exerceu a maior influência negativa no grupo Alimentação. Destacaram-se, também, as quedas nos preços do feijão rosinha (- 4,80%), chuchu (- 17,76%) vagem (- 11,58%), hortaliças e verduras (- 8,75%), carnes frescas (- 0,75%), carnes industrializadas (- 1,58%), frango (- 0,83%), leite em pó integral (- 2,57%), margarina (- 1,33%) e biscoitos (- 5,00%). Os produtos alimentícios que apresentaram variações positivas foram, em geral, aqueles cujos preços médios de março situavam-se abaixo dos preços das últimas tabelas em vigor. É o caso do feijão preto, cuja variação de 3,38% em Brasília é explicada pela presença do feijão da Cobal no mês de março, em alguns estabelecimentos, com preço inferior ao da tabela. Outro exemplo é o macarrão sem ovos, que apresentou variação de 17,66% em Belo Horizonte em decorrência de reajustes na tabela. Acrescente-se que alguns hortifrutigranjeiros apre

sentaram-se em alta em razão da entressafra ou de problemas climáticos. Destacaram-se, então, por suas variações positivas, o feijão preto (2,85%), batata-inglesa (7,34%), tomate (4,80%), ovos (1,82%), queijo tipo minas (5,59%), queijo tipo prato (2,42%), sardinha em lata (2,30%), alho (3,11%) e maionese (5,17%).

HABITAÇÃO

A variação positiva observada no grupo Habitação é atribuída aos artigos para reparos em domicílios (1,13%) e aos artigos de limpeza (1,66%).

ARTIGOS DE RESIDÊNCIA

No grupo Artigos de Residência as pressões altistas foram exercidas pelo televisor (4,96%) e pelas roupas de cama, mesa e banho (1,79%).

VESTUÁRIO

O grupo Vestuário foi o que apresentou o maior resultado no IPC de abril, destacando-se as roupas femininas (7,54%), masculinas (3,59%), e infantis (2,63%), além dos calçados (4,60%).

TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO

O acréscimo verificado no grupo Transporte e Comunicação deve-se à pressão altista dos automóveis usados (5,49%).

SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS

As variações de preços dos serviços médicos (2,39%) e das mensalidades de clínicas (4,22%) influenciaram positivamente o grupo Saúde e Cuidados Pessoais; destacaram-se, também, os artigos de higiene pessoal (1,53%) dados os ajustes ocorridos nas últimas tabelas da SUNAB.

DESPESAS PESSOAIS

No grupo Despesas Pessoais destacaram-se, por suas variações positivas, os serviços dos alfaiates e costureiras (2,55%), dos cabeleireiros e manicures (2,80%), os artigos de papelaria (1,52%) e os livros didáticos (1,16%).

ÍNDICES METROPOLITANOS

No IPC de abril as variações mensais dos índices metropolitanos situaram-se no intervalo de - 0,16% a 1,45%. As Regiões Metropolitanas de Porto Alegre e Curitiba apresentaram as maiores variações no mês, 1,45% e 1,42%, respectivamente. Ambas registraram resultados acima da média nacional nos grupos Vestuário e Transporte e Comunicação. Em Porto Alegre foram elevadas as variações de preços das roupas femininas, destacando-se as calças compridas (49,76%), as saias (71,32%) e os vestidos (47,32%), além de registrar a maior elevação de preços nos automóveis usados (16,28%). Em Curitiba, onde foi registrada a mais elevada variação do grupo Vestuário (7,0%), os destaques foram os paletôs (30,34%), os ternos (16,16%), as calças compridas de homem (10,35%), e os calçados (9,07%).

Fortaleza foi a única região metropolitana que apresentou variação mensal negativa (- 0,16%), em razão dos baixos resultados registrados no grupo Vestuário (1,02%) e nos automóveis usados (2,48%), os quais não compensaram a deflação do grupo de produtos alimentícios (- 1,38%).

O IPC RESTRITO

A variação do Índice de Preços ao Consumidor Restrito do mês de abril foi de 0,43%, resultado da comparação dos preços coletados no mês de abril com os preços coletados no mês de março. Considerando o IPC restrito de março (- 1,31%) e o IPC restrito de abril (0,43%), a variação acumulada de preços foi de - 0,89%. Os produtos alimentícios apresentaram variação negativa de 0,74% e os não alimentícios apresentaram variação positiva de 1,63%. O menor resultado do IPC restrito em comparação ao IPC (0,78%) deve-se aos produtos alimentícios, que possuem maior ponderação no IPC restrito.

Relacionam-se, na tabela 1.2, as variações do índice geral e por grupo para as regiões metropolitanas e Brasil.

COMENTÁRIOS SOBRE O IPC DO MÊS DE MAIO DE 1986

A variação do Índice de Preços ao Consumidor – IPC do mês de maio foi de 1,40%, superior à variação de abril (0,78%).

O IPC de maio apresentou variações positivas em todos os seus grupos, observando-se que apenas o grupo Saúde e Cuidados Pessoais teve variação inferior à de abril. A variação dos produtos alimentícios foi de 0,15%, constituindo-se na menor do mês. A variação dos produtos não alimentícios foi de 2,06% em razão, principalmente, dos aumentos nos preços dos artigos de vestuário, grupo com o maior resultado.

Os comentários a nível de grupo encontram-se a seguir e, na tabela 1.3, as variações do Índice geral e por grupo para as dez regiões metropolitanas que compõem o IPC.

ALIMENTAÇÃO

O grupo Alimentação apresentou o menor resultado no mês. As variações dos itens (ou conjuntos de produtos) que o compõem situaram-se no intervalo de -5,81% a -6,23%; a menor variação foi registrada no item hortaliças e verduras (-5,81%), destacando-se a queda de preços da alface nas Regiões Metropolitanas de Porto Alegre (-12,02%) e São Paulo (-20,42%); a maior variação foi registrada no item pescado (6,23%) sob a influência do aumento de 10,23% nos preços dos peixes consumidos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro; a maioria dos demais itens alimentícios apresentou variações próximas de zero.

HABITAÇÃO

O acréscimo verificado no grupo Habitação foi devido aos aumentos dos aluguéis residenciais (3,20%) e condomínio (4,86%).

ARTIGOS DE RESIDÊNCIA

Apresentando a segunda maior variação no mês, o grupo Artigos de Residência foi influenciado pelos aumentos nos preços das roupas de cama (3,88%), mesa (8,62%) e banho (3,50%).

VESTUÁRIO

O grupo Vestuário apresentou a maior variação no IPC de maio, destacando-se as roupas femininas (10,58%) e masculinas (7,70%), além dos calçados (5,54%).

TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO

O aumento nos preços dos automóveis usados (5,96%) foi a causa da variação positiva observada no grupo Transporte e Comunicação.

SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS

O grupo Saúde e Cuidados Pessoais foi o que apresentou a segunda menor variação no mês, destacando-se as mensalidades de clínicas (2,27%).

DESPESAS PESSOAIS

No grupo Despesas Pessoais destacaram-se os serviços dos alfaiates e costureiras (3,99%), sapateiros (4,44%), cabeleireiros e manicures (2,46%), as mensalidades de associações esportivas (3,08%), as bicicletas (6,77%), os brinquedos (5,68%) e os livros didáticos (2,50%).

ÍNDICES METROPOLITANOS

Em maio as variações mensais dos Índices metropolitanos situaram-se no intervalo de 1,00% a 1,74%. As Regiões Metropolitanas de Brasília e Fortaleza apresentaram as maiores variações no mês, 1,74% e 1,62%, respectivamente. Ambas registraram resultados acima da média nacional no grupo Transporte e Comunicação (3,10% em Brasília e 3,94% em Fortaleza) em decorrência da alta de preços dos automóveis usados; Fortaleza apresentou, ainda, o maior resultado no grupo Habitação (3,17%) devido aos aumentos dos aluguéis residenciais. As Regiões Metropolitanas que apresentaram as menores variações no mês foram Recife (1,00%) e Porto Alegre (1,14%).

O IPC RESTRITO

A variação do Índice de Preços ao Consumidor - Restrito do mês de maio foi de 1,08%, resultado superior ao de abril (0,43%). Os produtos alimentícios apresentaram variação positiva de 0,12% e os não alimentícios de 2,02%. O menor resultado do IPC Restrito em comparação ao IPC (1,40%) deve-se ao grupo dos produtos alimentícios, que possui maior ponderação no IPC Restrito e apresentou o menor resultado no mês.

Relacionam-se, na tabela 1.4, as variações do índice geral e por grupo para as regiões metropolitanas e Brasil.

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Estatísticas e Índices de Preços (DESIP), Rua Visconde de Niterói, 1246, Bloco B, 13º andar, telefone: 228-4382.

1 - ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR - IPC

1.1 - VARIACÃO DO IPC, GERAL E POR GRUPO, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS

Abril de 1986

REGIÕES METROPOLITANAS	GRUPO DE PRODUTOS (%)							
	Geral	Alimentação	Habitação	Artigos de residência	Vestuário	Transporte e comunicação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém	0,71	-0,43	-0,41	1,09	4,19	1,32	0,95	1,81
Fortaleza	-0,16	-1,38	-0,33	2,57	1,02	0,78	0,49	0,55
Recife	0,99	-0,07	0,47	5,09	3,91	1,44	1,21	0,89
Salvador	1,07	-1,18	1,27	3,53	6,89	3,38	-1,22	0,76
Belo Horizonte	1,24	-0,05	1,17	1,86	6,12	2,24	1,07	0,52
Rio de Janeiro	0,78	-0,26	0,64	0,98	3,68	1,75	2,33	0,18
São Paulo	0,53	-1,11	0,87	1,28	3,99	1,11	1,06	0,39
Curitiba	1,42	-1,41	1,27	2,33	7,00	3,16	1,38	0,78
Porto Alegre	1,45	-0,51	-0,18	3,04	6,85	4,63	1,13	0,89
Brasília	1,19	-0,10	0,42	1,26	4,68	1,10	0,98	2,60
IPC	0,78	-0,65	0,71	1,62	4,36	1,72	1,35	0,49

1.2 - VARIACÃO DO IPC RESTRITO, GERAL E POR GRUPO, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS

IMPC

Abril de 1986

REGIÕES METROPOLITANAS	GRUPO DE PRODUTOS (%)							
	Geral	Alimentação	Habitação	Artigos de residência	Vestuário	Transporte e comunicação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém	0,25	-0,45	-0,08	-0,41	4,14	0,02	0,82	1,69
Fortaleza	-0,55	-1,49	0,26	3,61	0,61	0,38	0,02	0,41
Recife	0,82	0,00	1,75	4,41	3,69	0,37	1,35	0,81
Salvador	0,02	-1,34	0,81	3,57	6,02	0,61	-1,44	0,75
Belo Horizonte	0,84	-0,11	1,04	2,86	4,69	1,33	1,00	0,65
Rio de Janeiro	0,54	-0,15	0,58	0,95	3,52	0,97	2,51	0,05
São Paulo	0,20	-1,40	0,95	1,95	3,99	1,04	0,86	0,64
Curitiba	0,83	-1,20	1,50	2,37	6,69	2,64	1,17	0,98
Porto Alegre	0,96	-0,51	0,11	3,27	6,39	4,22	1,23	0,75
Brasília	0,81	-0,14	0,71	1,51	4,25	0,74	0,84	1,85
IPC Restrito	0,43	-0,74	0,82	2,09	4,13	1,23	1,16	0,56

1 - ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR - IPC

1.3 - VARIACÃO DO IPC, GERAL E POR GRUPO, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS

Maio de 1986

REGIÕES METROPOLITANAS	GRUPO DE PRODUTOS (%)							
	Geral	Alimentação	Habitacão	Artigos de residência	Vestuário	Transporte e comunicação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém	1,59	0,54	1,47	4,34	4,75	0,90	0,87	2,48
Fortaleza	1,62	0,53	3,17	1,07	2,46	3,94	0,44	1,06
Recife	1,00	0,10	1,24	3,80	4,67	0,74	0,47	0,52
Salvador	1,33	0,15	0,59	1,15	5,86	2,70	0,31	1,34
Belo Horizonte	1,31	0,16	0,80	2,86	6,86	0,79	1,04	1,60
Rio de Janeiro	1,43	0,39	1,44	3,67	8,68	0,33	0,38	0,27
São Paulo	1,46	-0,03	0,40	1,31	5,98	2,87	0,51	1,90
Curitiba	1,41	-0,24	0,90	2,17	6,14	2,05	1,03	0,78
Porto Alegre	1,14	-0,12	0,33	1,66	8,80	0,98	0,20	0,80
Brasília	1,74	0,09	0,73	3,73	6,81	3,10	0,45	0,81
IPC	1,40	0,15	0,83	2,26	6,96	1,87	0,49	1,09

1.4 - VARIACÃO DO IPC RESTRITO, GERAL E POR GRUPO, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS

INPC

Maio de 1986

REGIÕES METROPOLITANAS	GRUPO DE PRODUTOS (%)							
	Geral	Alimentação	Habitacão	Artigos de residência	Vestuário	Transporte e comunicação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém	1,20	0,47	0,81	4,72	4,08	0,04	0,96	2,27
Fortaleza	0,95	0,35	3,27	1,14	2,12	1,67	0,41	0,95
Recife	0,71	-0,05	1,61	3,39	4,35	0,18	0,35	0,48
Salvador	0,76	0,07	1,72	0,86	4,66	0,48	0,07	0,86
Belo Horizonte	1,05	0,07	0,89	3,48	5,96	0,42	0,96	1,62
Rio de Janeiro	1,36	0,49	1,66	3,54	8,09	0,34	0,18	0,28
São Paulo	1,04	-0,09	0,58	1,16	5,75	2,76	0,44	1,30
Curitiba	1,01	-0,26	0,18	2,29	6,31	1,72	0,84	1,08
Porto Alegre	0,97	-0,15	0,40	2,61	8,07	0,95	0,21	0,74
Brasília	1,03	-0,14	0,33	3,72	5,64	1,97	0,34	0,79
IPC Restrito ..	1,08	0,12	1,03	2,16	6,21	1,48	0,40	0,89

COMENTÁRIOS

DESEMPREGO

A taxa média de desemprego aberto (ou de desocupação) do mês de abril de 1986 foi de 4,3%, inferior à do mesmo mês do ano anterior em 28,8%. A queda em relação a março (1,4%) não foi estatisticamente significativa. (Tabela 2.1)

Em todas as Regiões Metropolitanas pesquisadas, as taxas de desemprego do primeiro quadrimestre de 1986 mantiveram-se acentuadamente abaixo daquelas referentes ao mesmo período de 1984 e 1985 (gráficos).

A comparação das taxas de desemprego de abril de 1986 com as do mês anterior mostrou variações marcantes apenas nas Regiões Metropolitanas de Recife (alta de 16,7%) e Rio de Janeiro (baixa de 12,7%). (Tabela 2.1)

Somando-se as pessoas desocupadas com as ocupadas que não receberam rendimento ou que receberam menos de um salário mínimo e relacionando este contingente às pessoas economicamente ativas, verifica-se acentuada elevação de março para abril dessa proporção. Esse aumento, detectado normalmente nos meses de junho e dezembro, que se seguiam aos reajustes do salário mínimo, é atribuído ao fato de uma parcela de trabalhadores (setor informal) não receber imediatamente os efeitos dos reajustes. Este ano a revisão do salário mínimo deu-se em março ao invés de maio. Daí porque, supõe-se, o crescimento significativo desse indicador em abril: 32,8% na média; 32,3% na Região Metropolitana de Recife; 23,8% na de Salvador; 31,4% na de Belo Horizonte; 30,8% na do Rio de Janeiro; 39,1% na de São Paulo; e 23,7% na de Porto Alegre. (Tabela 2.23)

Pelos mesmos motivos, a proporção de trabalhadores por conta própria que receberam menos de um salário mínimo em relação às pessoas economicamente ativas acusou alta, de março para abril, de 33,4% na média; 24,2% na Região Metropolitana de Recife; 21,1% na de Salvador; 26,2% na de Belo Horizonte; 31,4% na do Rio de Janeiro; 50,0% na de São Paulo; e 35,3% na de Porto Alegre. (Tabela 2.22)

TAXA DE ATIVIDADE

A taxa de atividade de abril de 1986 vis-à-vis à do mesmo mês do ano anterior mostrou redução marcante apenas na Região Metropolitana de Recife (5,8%). Durante todos os quatro primeiros meses de 1986, as taxas de atividade desta Região mantiveram-se significativamente inferiores às correspondentes de 1985. (Tabela 2.14)

DESEMPREGO POR SETOR

As variações das taxas de desemprego da indústria de transformação, construção civil e serviços em relação a março não foram, na média, estatisticamente significativas.

Já no comércio, a taxa média de desemprego acusou queda de 17,8% em relação à de março, recuperando os níveis de janeiro e fevereiro. Ressalte-se que, na Região Metropolitana de São Paulo, a queda da taxa de desemprego no comércio foi de 29,7%. (Tabela 2.7)

OCUPAÇÃO INDUSTRIAL

A proporção de pessoas ocupadas na indústria de transformação em relação ao total de ocupados aumentou significativamente em abril de 1986 em comparação ao mesmo mês de 1985 nas Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte (14,0%) e São Paulo (6,6%). (Tabela 2.15)

EMPREGO COM VÍNCULO

Crescimento substancial foi observado na proporção dos empregados com carteira de trabalho assinada em relação às pessoas ocupadas. Essa proporção aumentou na média 4,0% entre abril de 1985 e 1986. As Regiões Metropolitanas de Recife (8,8%) e Belo Horizonte (7,1%), apresentaram o maior crescimento, vindo a seguir Rio de Janeiro (4,3%) e São Paulo (3,9%). (Tabela 2.20)

RENDIMENTOS

Os rendimentos médios nominais do trabalho tiveram aumentos de fevereiro para março. Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o aumento das remunerações foi de 9,9% para o total de ocupados; 10,8% para os empregados com car

teira; 4,7% para os empregados sem carteira; 13,3% para os trabalhadores por conta própria. Na Região Metropolitana de São Paulo os rendimentos cresceram em 9,2% para os ocupados; 7,3% para os empregados com carteira; 8,9% para os empregados sem carteira; e 19,5% para os trabalhadores por conta própria. (Tabelas 2.24 a 2.27)

Observa-se que a categoria dos trabalhadores por conta própria foi a que teve o maior aumento nos rendimentos médios nominais.

O acompanhamento das variações nos rendimentos em termos reais está na dependência de definição metodológica que permita encadear o novo deflator, IPC, com o IPCA.

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Pesquisas Domiciliares por Amostragem (DEPAM), Rua Visconde de Niterói, 1246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539.

TAXA DE DESEMPREGO ABERTO

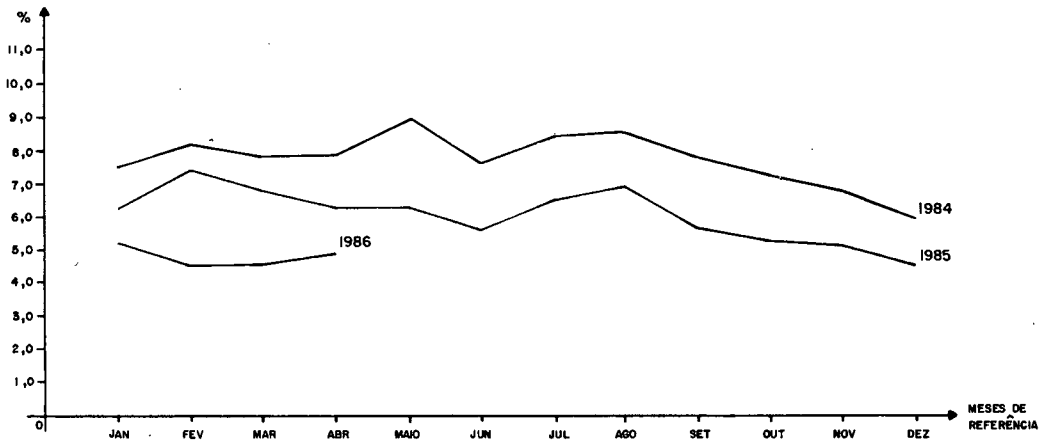
IDADE MÍNIMA - 15 ANOS

PERÍODO DE REFERÊNCIA - SEMANA

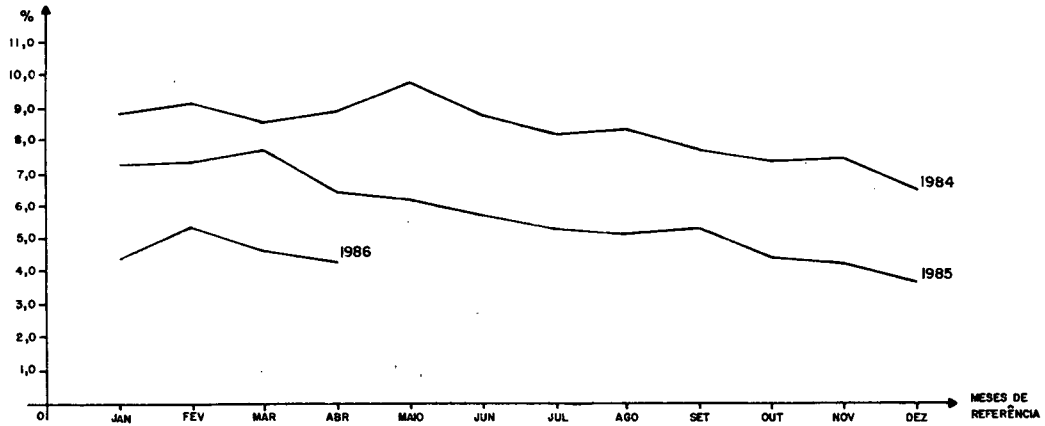
REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE



REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR



REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

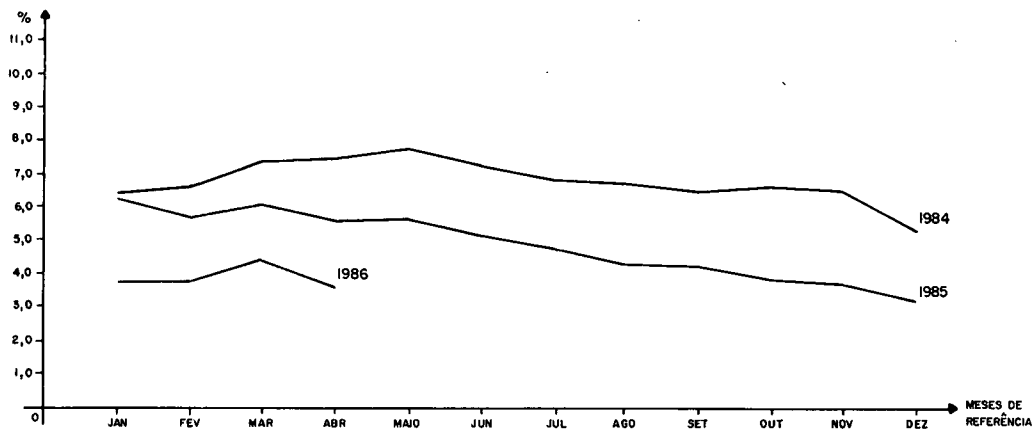


TAXA DE DESEMPREGO ABERTO

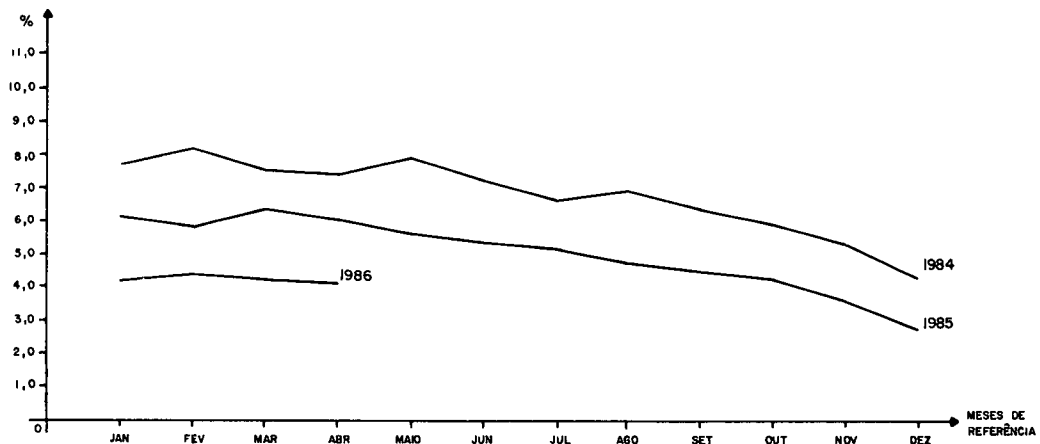
IDADE MÍNIMA - 15 ANOS

PERÍODO DE REFERÊNCIA - SEMANA

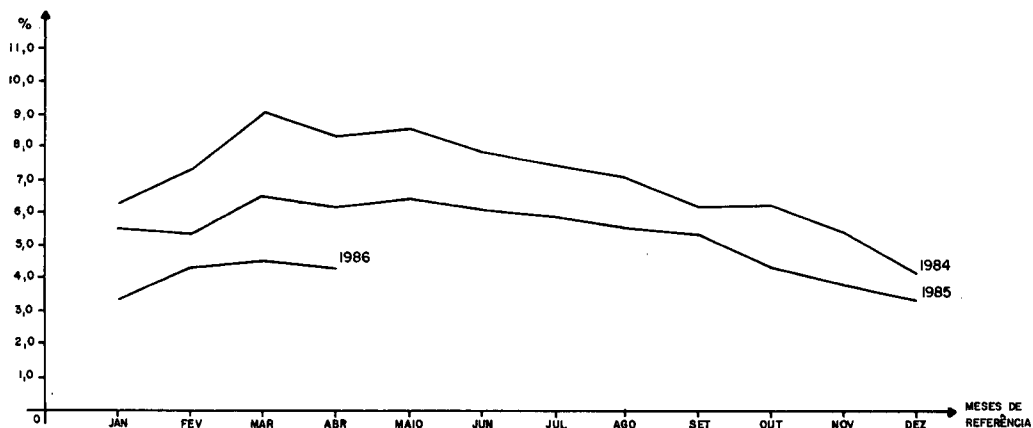
REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO



REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO



REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE



2 - PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

2.1 - TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA)

2.1.1 - PESSOAS DESOCUPADAS EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
	Janeiro	7,70	5,34	6,31	5,07	7,33	4,41	6,35	3,86	6,02	4,09	5,50	3,89	6,31
Fevereiro	6,92	4,82	7,42	4,56	7,43	5,39	5,73	3,86	5,97	4,40	5,36	4,82	6,12	4,40
Março	8,71	4,50	6,87	4,70	7,70	4,79	6,01	4,25	6,16	4,19	6,57	5,28	6,48	4,39
Abril	8,47	5,25	6,25	4,96	6,45	4,33	5,55	3,71	6,00	4,06	6,15	5,01	6,08	4,33
Maió	8,45	6,24	6,24	6,11	5,57	5,57	5,57	5,57	5,66	6,46	5,93	5,93	5,93	5,93
Junho	8,29	5,55	5,89	5,01	5,01	5,01	5,01	5,01	5,56	6,05	5,63	5,63	5,63	5,63
Julho	7,64	6,49	5,28	4,84	4,84	4,84	4,84	4,84	5,16	5,93	5,35	5,35	5,35	5,35
Agosto	7,48	6,90	5,01	4,33	4,33	4,33	4,33	4,33	4,82	5,58	5,03	5,03	5,03	5,03
Setembro	6,88	5,55	5,16	4,29	4,29	4,29	4,29	4,29	4,52	5,23	4,77	4,77	4,77	4,77
Outubro	6,41	5,27	4,31	3,86	3,86	3,86	3,86	3,86	4,10	4,26	4,28	4,28	4,28	4,28
Novembro	5,44	5,04	4,16	3,75	3,75	3,75	3,75	3,75	3,56	3,93	3,90	3,90	3,90	3,90
Dezembro	4,07	4,53	3,77	3,07	3,07	3,07	3,07	3,07	2,70	3,47	3,15	3,15	3,15	3,15

2.2 - TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ

2.2.1 - PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
	Janeiro	1,35	1,15	1,14	1,00	1,15	0,66	0,97	0,51	0,73	0,64	0,48	0,47	0,88
Fevereiro	1,14	1,00	1,49	0,99	1,20	0,97	0,81	0,56	0,86	0,51	0,53	0,70	0,90	0,64
Março	1,78	0,68	1,59	0,86	1,19	0,85	0,96	0,56	0,83	0,39	0,82	0,71	0,99	0,55
Abril	1,64	1,04	1,07	0,84	1,04	0,77	0,73	0,55	0,71	0,39	0,74	0,49	0,82	0,56
Maió	1,77	0,94	0,94	0,95	0,79	0,79	0,79	0,79	0,60	0,82	0,79	0,79	0,79	0,79
Junho	1,56	0,90	0,74	0,54	0,54	0,54	0,54	0,54	0,46	0,69	0,62	0,62	0,62	0,62
Julho	1,59	0,94	0,74	0,65	0,65	0,65	0,65	0,65	0,43	0,61	0,62	0,62	0,62	0,62
Agosto	1,34	1,25	0,67	0,55	0,55	0,55	0,55	0,55	0,48	0,60	0,62	0,62	0,62	0,62
Setembro	1,51	0,94	0,89	0,47	0,47	0,47	0,47	0,47	0,38	0,53	0,56	0,56	0,56	0,56
Outubro	1,41	0,70	0,81	0,46	0,46	0,46	0,46	0,46	0,29	0,45	0,49	0,49	0,49	0,49
Novembro	1,16	0,88	0,65	0,49	0,49	0,49	0,49	0,49	0,31	0,52	0,49	0,49	0,49	0,49
Dezembro	0,90	0,80	0,62	0,43	0,43	0,43	0,43	0,43	0,30	0,33	0,44	0,44	0,44	0,44

2.3 - TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM

2.3.1 - PESSOAS DESOCUPADAS QUE TRABALHARAM ANTERIORMENTE, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE TRABALHARAM ANTERIORMENTE, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
	Janeiro	6,35	4,19	5,17	4,07	6,18	3,75	5,38	3,35	5,29	3,45	5,02	3,42	5,43
Fevereiro	5,78	3,82	5,93	3,57	6,23	4,42	4,92	3,30	5,11	3,89	4,83	4,12	5,22	3,76
Março	6,93	3,82	5,28	3,84	6,51	3,94	5,05	3,69	5,33	3,80	5,75	4,57	5,49	3,84
Abril	6,83	4,21	5,18	4,12	5,41	3,56	4,82	3,16	5,29	3,67	5,41	4,52	5,26	3,77
Maió	6,68	5,30	5,16	4,78	4,78	4,78	4,78	4,78	5,06	5,64	5,14	5,14	5,14	5,14
Junho	6,73	4,65	5,15	4,47	4,47	4,47	4,47	4,47	5,10	5,36	5,01	5,01	5,01	5,01
Julho	6,05	5,55	4,54	3,78	3,78	3,78	3,78	3,78	4,73	5,32	4,73	4,73	4,73	4,73
Agosto	6,14	5,65	4,34	3,56	3,56	3,56	3,56	3,56	4,34	4,98	4,41	4,41	4,41	4,41
Setembro	5,37	4,61	4,27	3,82	3,82	3,82	3,82	3,82	4,14	4,70	4,21	4,21	4,21	4,21
Outubro	5,00	4,57	3,50	3,40	3,40	3,40	3,40	3,40	3,81	3,81	3,79	3,79	3,79	3,79
Novembro	4,28	4,16	3,51	3,26	3,26	3,26	3,26	3,26	3,25	3,41	3,41	3,41	3,41	3,41
Dezembro	3,17	3,73	3,15	2,64	2,64	2,64	2,64	2,64	2,40	3,14	2,71	2,71	2,71	2,71

2 - PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

2.4 - TAXA DE DESEMPREGO: CHEFES DE DOMICÍLIO

2.4.1 - CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DESOCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

MESES DA PESQUISA	CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Janeiro	22,24	18,07	20,38	22,70	21,56	18,11	22,77	24,41	20,15	21,11	26,59	22,52	21,65	21,63
Fevereiro	26,12	20,12	18,81	22,33	19,16	15,46	20,83	22,33	19,98	20,55	25,58	19,16	20,85	20,38
Março	20,96	24,76	21,60	23,33	20,31	17,07	19,30	19,55	23,03	23,45	24,19	22,31	21,63	21,72
Abril	24,12	23,78	24,27	26,06	21,00	16,12	19,97	14,93	24,08	23,13	20,59	22,38	22,46	20,55
Mai	22,92		22,49		19,53		19,77		24,37		22,22		22,29	
Junho	22,39		25,27		16,44		19,93		23,93		25,20		22,29	
Julho	20,15		27,23		17,05		17,85		24,82		24,76		22,14	
Agosto	18,35		22,25		16,48		21,53		21,59		24,61		21,18	
Setembro	17,33		24,86		18,10		18,02		23,26		23,50		21,06	
Outubro	17,45		21,20		16,16		18,33		21,63		21,88		19,92	
Novembro	17,31		22,57		16,63		19,11		23,63		19,64		20,82	
Dezembro	19,21		21,91		17,80		20,47		24,51		26,37		22,22	

2.5 - TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

2.5.1 - PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Janeiro	7,17	4,61	7,21	5,76	6,28	3,60	7,37	4,39	5,22	3,88	4,85	3,54	5,81	4,01
Fevereiro	6,58	5,33	6,27	4,18	5,34	4,20	6,59	4,49	5,56	4,16	4,53	4,02	5,72	4,25
Março	8,66	5,81	6,43	5,85	6,70	4,31	6,26	4,87	6,32	3,83	5,09	4,82	6,31	4,26
Abril	8,10	5,89	5,35	5,25	5,88	3,56	5,44	4,13	6,11	4,19	5,44	4,81	5,95	4,27
Mai	7,31		6,00		5,63		5,58		5,86		6,01		5,86	
Junho	8,90		4,98		4,63		4,95		5,96		5,29		5,70	
Julho	8,50		6,60		3,89		5,70		5,69		5,72		5,70	
Agosto	7,05		6,21		4,89		4,34		5,24		5,13		5,12	
Setembro	7,60		6,04		4,05		4,99		4,96		5,27		5,06	
Outubro	5,82		6,63		3,88		3,43		4,08		3,60		4,04	
Novembro	5,52		6,47		3,67		4,03		3,60		3,68		3,84	
Dezembro	4,38		6,51		3,54		3,45		2,78		3,10		3,12	

NOTA - Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

2.6 - TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

2.6.1 - PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Janeiro	13,49	7,89	8,68	7,51	11,84	5,80	10,52	6,48	8,37	3,30	8,62	5,79	9,80	5,37
Fevereiro	13,61	6,81	11,15	6,14	11,00	7,14	10,07	5,27	7,28	3,49	11,53	7,34	9,56	5,15
Março	14,99	6,71	9,76	7,90	11,53	5,38	7,03	4,23	7,82	2,60	11,15	5,66	8,86	4,31
Abril	15,54	6,71	9,68	7,75	10,30	5,21	8,98	4,19	8,03	3,44	10,39	5,17	9,30	4,51
Mai	15,98		9,93		8,32		10,16		6,37		10,08		8,87	
Junho	15,55		9,98		10,60		8,97		6,40		10,46		8,77	
Julho	15,17		11,76		8,01		7,72		5,78		10,07		7,90	
Agosto	12,89		13,46		6,34		7,56		5,94		9,73		7,75	
Setembro	12,15		8,76		6,92		6,69		4,59		8,40		6,54	
Outubro	9,03		8,92		3,72		5,45		4,50		6,07		5,42	
Novembro	7,62		7,31		5,26		4,18		4,15		5,21		4,81	
Dezembro	5,63		5,64		4,65		4,77		3,69		5,11		4,49	

NOTA - Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

2 - PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

2.7 - TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO NO SETOR DO COMÉRCIO

2.7.1 - PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DO COMÉRCIO, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DO COMÉRCIO, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Janeiro	5,71	5,61	6,70	4,81	6,51	5,10	6,73	3,91	6,17	4,41	5,11	5,30	6,25	4,53
Fevereiro	5,39	5,36	8,11	4,60	6,99	5,68	5,90	3,82	6,30	5,07	5,14	5,45	6,19	4,81
Março	6,84	4,48	5,69	5,59	8,03	5,72	7,66	5,50	5,64	5,59	8,41	5,83	6,68	5,52
Abril	6,54	4,74	6,60	5,67	6,98	4,63	6,56	4,52	5,94	3,93	7,41	6,66	6,40	4,54
Maió	6,89		7,56		6,24		6,79		5,54		7,41		6,30	
Junho	6,18		6,01		6,79		5,31		5,60		6,70		5,78	
Julho	5,77		6,07		5,03		5,55		5,34		6,70		5,57	
Agosto	6,97		7,35		5,36		4,64		5,69		6,56		5,64	
Setembro	5,78		5,86		5,07		4,79		4,82		6,23		5,08	
Outubro	6,13		5,61		4,01		4,75		4,96		6,10		5,04	
Novembro	5,36		5,84		4,82		4,53		4,01		4,00		4,44	
Dezembro	2,76		3,79		3,62		3,06		3,39		4,30		3,37	

NOTA - Excluias as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

2.8 - TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DOS SERVIÇOS

2.8.1 - PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DOS SERVIÇOS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DOS SERVIÇOS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Janeiro	5,80	3,73	4,28	3,40	5,40	3,27	4,19	2,60	4,91	2,92	4,51	2,55	4,72	2,91
Fevereiro	4,79	2,97	5,17	3,15	5,66	4,06	3,80	2,77	4,27	3,47	4,21	3,47	4,33	3,26
Março	6,33	2,96	4,82	3,01	5,39	3,27	4,04	3,07	4,40	3,54	4,77	4,20	4,55	3,35
Abril	6,16	3,43	4,56	3,26	4,33	3,02	3,98	2,64	4,47	3,31	4,25	3,84	4,39	3,11
Maió	5,62		4,13		4,42		3,74		4,46		4,48		4,28	
Junho	5,30		3,74		4,12		3,96		4,40		4,60		4,27	
Julho	4,54		4,81		4,17		3,22		4,02		4,19		3,87	
Agosto	4,76		4,37		3,81		3,04		3,25		3,80		3,44	
Setembro	4,30		3,73		3,88		3,12		3,56		3,59		3,51	
Outubro	4,56		3,75		3,42		2,95		3,40		3,19		3,34	
Novembro	3,39		3,16		3,01		2,65		2,79		3,14		2,85	
Dezembro	2,93		3,19		2,77		2,04		2,78		2,83		2,20	

NOTA - Excluias as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes sem remuneração.

2.9 - TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES

2.9.1 - PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Janeiro	4,32	1,79	2,48	1,67	4,49	2,26	1,70	2,03	1,88	2,11	4,42	2,26	2,71	2,03
Fevereiro	4,85	2,24	1,96	1,71	4,99	2,38	1,82	1,73	2,88	2,28	2,76	2,89	2,87	2,08
Março	3,78	2,40	2,34	0,74	5,07	2,62	3,29	2,15	2,16	1,88	4,24	3,03	3,29	2,12
Abril	4,16	3,34	2,07	2,12	4,07	2,91	2,50	1,48	1,43	1,81	4,41	2,97	2,78	2,10
Maió	5,03		3,02		4,17		2,35		1,33		4,40		2,87	
Junho	5,94		2,39		3,96		1,58		2,00		3,55		2,62	
Julho	4,84		1,60		3,96		1,73		1,22		4,55		2,43	
Agosto	6,20		1,54		2,20		1,94		2,19		4,85		2,79	
Setembro	3,58		1,98		3,22		1,73		1,07		3,90		2,19	
Outubro	2,53		1,42		2,21		1,43		1,38		2,46		1,74	
Novembro	2,99		1,48		2,20		1,88		1,75		1,80		1,99	
Dezembro	2,15		1,88		2,11		1,58		0,90		1,64		1,57	

NOTA - Excluias as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

2 - PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

2.10 - TAXA DE DESEMPREGO: PESSOAS DE 15 A 19 ANOS DE IDADE

2.10.1 - PESSOAS DE 15 A 19 ANOS DE IDADE, DESOCUPADAS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DE 15 A 19 ANOS DE IDADE, ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS E SEXO, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DE 15 A 19 ANOS DE IDADE, DESOCUPADAS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DE 15 A 19 ANOS DE IDADE, ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)											
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Período de referência - Semana												
1985												
Janeiro	12,56	20,94	12,04	16,96	16,22	16,61	15,27	22,07	16,07	22,00	11,98	17,62
Fevereiro	9,57	21,02	13,70	16,72	20,52	18,84	13,48	21,78	16,58	18,86	12,18	18,12
Março	13,17	22,28	12,41	14,79	18,73	18,65	13,58	20,47	16,63	19,49	15,44	24,02
Abril	14,13	21,19	12,44	11,62	15,00	16,15	12,26	17,27	14,48	17,31	14,11	19,34
Maió	13,75	23,25	10,50	8,78	14,84	15,31	12,31	15,33	11,94	18,55	16,53	18,07
Junho	15,00	17,77	7,56	7,61	14,14	14,00	10,25	14,36	12,12	14,92	13,94	18,25
Julho	11,45	20,99	7,86	8,97	10,97	13,39	11,96	13,94	11,93	14,37	13,42	15,87
Agosto	10,46	20,19	12,97	13,20	9,93	11,97	8,66	12,50	10,89	14,10	13,12	13,03
Setembro	11,09	19,68	9,85	6,27	10,72	11,92	8,66	12,47	10,13	11,42	12,87	15,93
Outubro	9,30	17,65	5,91	7,17	10,41	10,67	9,91	9,93	10,22	13,56	11,13	13,47
Novembro	9,62	14,85	8,55	9,33	10,01	11,13	8,98	10,78	8,78	9,37	7,87	14,22
Dezembro	7,17	11,43	5,51	10,84	9,01	8,77	7,79	9,43	7,49	8,44	6,41	11,46
1986												
Janeiro	9,38	15,33	7,02	11,23	11,52	11,55	8,70	13,00	11,81	14,35	9,48	13,65
Fevereiro	9,07	11,32	6,71	10,03	11,66	13,80	6,99	14,88	11,40	13,87	9,41	20,82
Março	6,85	10,13	8,47	8,59	10,73	10,37	9,23	14,61	9,73	13,92	11,76	17,99
Abril	10,38	10,04	7,23	9,60	9,88	10,79	8,52	13,44	8,31	13,27	9,95	13,97

2.11 - TAXA DE DESEMPREGO: PESSOAS DE 20 A 24 ANOS DE IDADE

2.11.1 - PESSOAS DE 20 A 24 ANOS DE IDADE, DESOCUPADAS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DE 20 A 24 ANOS DE IDADE, ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS E SEXO, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DE 20 A 24 ANOS DE IDADE, DESOCUPADAS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DE 20 A 24 ANOS DE IDADE, ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)											
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Período de referência - Semana												
1985												
Janeiro	13,49	17,88	9,70	14,85	11,28	12,43	11,27	11,66	7,44	9,47	8,55	9,02
Fevereiro	11,36	15,89	11,21	14,49	11,40	11,01	9,08	12,29	7,65	10,54	6,65	8,47
Março	13,88	21,01	12,17	15,15	10,54	12,58	10,71	13,30	8,10	9,43	7,64	17,94
Abril	14,33	19,78	10,14	14,40	9,05	11,38	9,79	11,59	8,00	8,72	9,87	11,50
Maió	16,04	19,41	11,17	15,50	8,77	9,27	11,03	12,35	8,34	8,74	9,47	11,65
Junho	14,25	21,20	10,08	13,80	9,07	11,05	9,80	12,63	9,24	9,17	9,42	10,65
Julho	14,16	20,00	12,11	14,38	7,73	9,40	9,73	11,65	9,26	7,07	9,33	10,62
Agosto	14,02	20,05	12,23	16,04	8,60	10,19	8,91	9,68	8,36	7,42	9,74	9,74
Setembro	11,94	16,63	8,92	12,76	7,72	10,76	9,62	9,65	7,74	7,95	9,48	7,96
Outubro	10,87	19,68	8,72	14,14	6,62	9,05	7,30	9,74	6,33	5,96	6,09	6,42
Novembro	9,39	12,28	9,05	11,49	6,12	8,51	6,43	8,51	6,11	4,63	6,09	8,17
Dezembro	6,32	10,14	8,44	9,92	6,43	7,67	6,11	6,15	4,38	3,67	5,49	6,68
1986												
Janeiro	8,97	13,94	7,19	12,86	7,46	6,91	7,62	9,97	5,92	5,22	5,38	6,36
Fevereiro	8,13	11,40	8,32	10,47	8,18	10,92	8,57	9,05	7,55	6,14	6,61	8,48
Março	6,81	12,12	8,82	10,13	8,00	9,28	9,35	10,21	5,85	6,49	7,69	10,77
Abril	7,93	12,33	9,88	10,02	6,54	9,19	8,31	8,21	6,84	6,07	7,41	9,66

2 - PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

2.12 - TAXA DE DESEMPREGO: PESSOAS DE 25 A 29 ANOS DE IDADE

2.12.1 - PESSOAS DE 25 A 29 ANOS DE IDADE, DESOCUPADAS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DE 25 A 29 ANOS DE IDADE, ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS E SEXO, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

ANOS E MESES DA PESQUISA		PESSOAS DE 25 A 29 ANOS DE IDADE, DESOCUPADAS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DE 25 A 29 ANOS DE IDADE, ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)											
		Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre	
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Período de referência - Semana													
1985													
Janeiro	6,04	8,94	4,37	8,26	6,70	9,12	7,31	8,26	5,09	5,91	4,53	7,47	
Fevereiro	6,68	9,64	6,95	13,57	5,75	7,03	6,11	7,10	5,56	5,33	4,85	7,14	
Março	8,35	10,87	4,61	10,70	7,27	7,40	6,42	8,10	4,50	4,82	5,46	6,26	
Abril	9,07	8,99	5,29	7,90	6,18	5,16	6,88	8,08	4,06	6,20	4,48	7,29	
Maiο	9,14	8,66	5,27	8,47	6,00	6,54	6,69	5,84	4,28	5,98	4,87	5,87	
Junho	7,73	10,12	4,82	7,09	4,93	6,26	5,29	6,38	4,72	5,15	4,89	5,85	
Julho	8,72	11,54	5,48	9,98	4,60	7,13	4,60	6,71	4,02	5,63	4,85	5,96	
Agosto	6,45	9,43	6,04	8,03	4,36	4,57	4,60	6,36	3,63	4,09	5,02	5,49	
Setembro	6,33	11,14	5,75	6,95	4,13	6,24	5,14	6,17	3,14	4,88	4,21	5,40	
Outubro	5,43	8,57	5,33	7,31	4,09	5,70	5,16	5,33	3,83	3,99	3,10	5,46	
Novembro	4,87	8,32	5,90	6,48	2,92	4,77	5,01	4,89	4,14	4,06	2,40	6,04	
Dezembro	3,90	4,14	4,12	8,02	3,15	3,06	4,78	4,28	2,94	2,12	3,02	4,80	
1986													
Janeiro	5,42	7,59	5,35	8,82	3,81	4,43	3,86	4,48	4,08	4,41	3,62	5,37	
Fevereiro	4,84	9,47	4,16	6,42	4,55	7,45	4,56	3,62	4,11	4,94	4,05	4,53	
Março	4,70	7,76	4,40	5,72	3,76	5,48	4,20	5,60	4,49	5,86	4,58	6,00	
Abril	5,49	8,44	5,45	6,19	3,45	5,90	4,19	4,23	4,48	3,61	4,70	6,74	

2.13 - TAXA DE DESEMPREGO (30 DIAS)

2.13.1 - PESSOAS DESOCUPADAS EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

MESES DA PESQUISA		PESSOAS DESOCUPADAS EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
		Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
		1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Idade mínima - 15 anos															
Período de referência - 30 dias															
Janeiro	8,72	6,15	7,10	5,45	8,52	5,07	7,02	4,27	6,75	4,56	6,49	4,55	7,11	4,68	
Fevereiro	8,18	5,63	8,03	4,87	8,91	6,19	6,87	4,48	7,04	4,93	6,68	5,37	7,25	4,99	
Março	9,69	5,06	7,46	4,95	8,82	5,82	6,67	4,63	6,82	4,62	7,45	5,83	7,22	4,87	
Abril	9,89	5,81	6,82	5,16	7,58	5,24	6,31	4,09	6,74	4,37	6,98	5,43	6,90	4,57	
Maiο	9,60		6,66		6,92		6,01		6,29		7,39		6,57		
Junho	9,37		6,03		6,73		5,42		6,21		6,88		6,26		
Julho	8,61		6,76		6,08		5,39		5,77		6,69		5,97		
Agosto	8,48		7,26		5,72		4,76		5,33		6,26		5,57		
Setembro	7,99		5,84		5,91		4,61		4,89		5,66		5,21		
Outubro	7,54		5,47		5,00		4,12		4,49		4,64		4,69		
Novembro	6,35		5,33		4,76		4,01		3,98		4,39		4,32		
Dezembro	5,06		5,05		4,68		3,51		3,32		4,02		3,76		

2 - PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

2.14 - TAXA DE ATIVIDADE

2.14.1 - PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

Idade mínima - 15 anos Período de referência - Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Janeiro	54,77	52,05	62,49	61,71	62,56	61,81	57,60	55,11	63,37	62,47	63,23	61,52	60,91	59,38
Fevereiro	53,32	50,80	61,66	61,27	62,00	62,43	57,00	55,92	63,59	62,27	62,43	62,03	60,58	59,55
Março	55,11	51,74	61,73	60,75	62,34	62,14	56,94	56,38	64,36	62,75	64,53	62,39	61,19	59,93
Abril	54,35	51,21	60,58	61,15	62,01	62,25	56,96	56,80	64,04	62,87	63,90	62,71	60,87	60,13
Mai	54,26		61,88		62,37		57,36		63,69		63,79		60,95	
Junho	53,78		61,73		62,91		57,16		63,57		63,82		60,86	
Julho	53,31		61,20		62,74		57,49		63,30		64,00		60,82	
Agosto	54,07		61,98		62,56		57,35		62,75		63,89		60,59	
Setembro	53,71		61,70		63,26		56,46		63,72		63,37		60,69	
Outubro	54,26		61,66		62,80		56,76		63,78		63,51		60,81	
Novembro	54,58		63,01		63,66		56,60		63,76		63,27		60,91	
Dezembro	52,67		62,93		62,63		55,64		62,83		61,83		59,92	

2.15 - OCUPADOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

2.15.1 - PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

Idade mínima - 15 anos Período de referência - Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Janeiro	13,85	14,55	12,32	11,06	17,87	19,22	17,13	17,63	33,51	34,63	26,51	26,80	24,60	25,41
Fevereiro	13,59	14,31	12,24	11,71	17,94	19,43	16,81	17,28	33,55	35,27	26,35	26,75	24,60	25,58
Março	13,97	14,25	12,99	11,77	17,51	19,67	17,13	17,13	32,88	35,09	25,92	26,77	24,39	25,50
Abril	13,63	14,45	13,18	12,27	17,34	19,76	17,07	17,04	32,69	34,86	25,88	26,87	24,24	25,38
Mai	14,69		13,22		17,28		16,66		33,22		24,95		24,32	
Junho	14,36		12,94		17,42		16,48		32,34		25,39		23,93	
Julho	13,96		12,53		18,14		16,63		32,72		25,20		24,21	
Agosto	13,43		13,05		18,02		16,38		33,48		24,47		24,28	
Setembro	14,04		12,75		18,06		16,74		33,12		24,83		24,37	
Outubro	14,78		12,11		18,28		16,88		33,72		25,22		24,73	
Novembro	14,82		11,82		18,70		17,10		34,05		25,15		24,92	
Dezembro	14,43		11,35		18,53		17,38		34,09		24,94		24,91	

2.16 - OCUPADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL

2.16.1 - PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

Idade mínima - 15 anos Período de referência - Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Janeiro	6,69	7,21	9,07	9,46	8,70	9,77	7,76	7,55	6,08	5,79	6,58	5,93	7,04	6,94
Fevereiro	7,13	6,44	9,14	8,51	9,31	9,34	7,86	7,72	6,07	5,70	6,73	6,29	7,13	6,85
Março	6,74	6,95	8,84	8,19	9,19	9,28	7,56	7,98	5,82	5,52	6,00	5,84	6,82	6,81
Abril	6,52	6,39	9,52	8,79	8,57	9,07	7,50	7,79	6,10	5,62	5,77	5,67	6,88	6,78
Mai	6,24		9,68		8,60		7,25		5,79		5,65		6,67	
Junho	6,50		9,32		8,43		7,65		5,79		5,59		6,76	
Julho	6,13		9,66		8,55		8,12		5,72		5,59		6,86	
Agosto	6,10		9,78		9,38		8,12		5,76		5,85		6,99	
Setembro	6,21		9,36		9,06		8,22		5,72		5,65		6,92	
Outubro	6,77		9,27		9,81		8,37		5,80		5,83		7,10	
Novembro	6,68		9,23		9,47		8,13		5,91		6,15		7,08	
Dezembro	7,31		9,06		9,60		8,08		6,06		5,78		7,16	

2 - PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

2.17 - OCUPADOS NO COMÉRCIO

2.17.1 - PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

Idade mínima - 15 anos		Período de referência - Semana													
MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS (%)														
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média		
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	
Janeiro	17,21	17,15	14,45	15,79	13,23	12,83	12,77	12,62	12,98	13,19	14,56	14,11	13,41	13,46	
Fevereiro	17,54	16,62	14,86	14,64	12,53	12,40	12,32	12,68	13,14	12,94	14,16	14,25	13,29	13,22	
Março	17,12	16,78	13,99	14,13	12,60	11,97	11,96	12,61	13,59	12,85	13,80	14,23	13,31	13,10	
Abril	17,77	16,26	13,98	14,03	12,19	12,54	12,39	13,10	13,00	12,79	13,68	13,93	13,15	13,20	
Maio	17,03		13,63		12,30		12,44		13,57		14,70		13,43		
Junho	17,72		13,90		12,53		12,82		13,75		15,34		13,74		
Julho	17,90		14,22		12,77		12,75		13,38		15,16		13,58		
Agosto	17,49		13,72		13,11		12,92		13,23		14,50		13,51		
Setembro	16,74		13,68		12,41		12,99		13,43		13,58		13,44		
Outubro	16,87		13,67		13,02		13,32		12,96		13,53		13,39		
Novembro	17,13		14,42		12,97		13,21		12,80		13,45		13,34		
Dezembro	17,81		15,24		13,23		13,13		13,01		14,14		13,57		

2.18 - OCUPADOS NOS SERVIÇOS

2.18.1 - PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

Idade mínima - 15 anos		Período de referência - Semana													
MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS (%)														
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média		
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	
Janeiro	46,35	45,30	52,86	51,97	51,24	50,22	52,40	52,09	43,36	42,35	44,22	42,65	47,21	46,50	
Fevereiro	45,99	46,70	52,25	53,08	51,53	50,95	52,84	51,71	43,09	42,00	42,71	42,26	47,19	46,49	
Março	46,01	46,63	52,19	53,94	51,80	51,38	53,08	51,99	43,59	42,48	44,29	43,04	47,60	46,90	
Abril	47,13	47,75	51,85	52,62	52,62	50,62	52,86	52,21	44,02	42,55	44,35	43,43	47,89	46,98	
Maio	48,65		52,20		52,52		53,60		43,48		44,70		48,01		
Junho	48,56		51,95		52,52		52,68		44,00		44,00		47,89		
Julho	48,36		52,26		51,27		52,49		43,86		44,57		47,69		
Agosto	48,91		52,16		51,24		52,76		43,38		45,61		47,70		
Setembro	48,22		52,26		52,26		52,74		43,50		46,22		47,80		
Outubro	46,07		52,74		50,73		52,01		43,18		45,46		47,14		
Novembro	45,65		53,48		50,53		52,07		43,00		44,90		47,04		
Dezembro	45,13		52,91		50,65		51,47		42,60		44,77		46,67		

2.19 - OCUPADOS EM OUTRAS ATIVIDADES

2.19.1 - PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

Idade mínima - 15 anos		Período de referência - Semana													
MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS (%)														
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média		
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	
Janeiro	15,91	15,79	11,30	11,73	8,77	7,96	9,94	10,10	4,08	4,03	10,12	10,51	7,75	7,69	
Fevereiro	15,76	15,92	11,50	12,07	8,69	7,87	10,16	10,61	4,14	4,08	10,05	10,44	7,78	7,86	
Março	16,16	15,39	11,98	11,98	8,90	7,70	10,26	10,29	4,13	4,06	10,00	10,12	7,88	7,70	
Abril	14,96	15,15	11,47	12,30	9,27	8,01	10,18	9,86	4,19	4,17	10,32	10,10	7,85	7,65	
Maio	13,40		11,26		9,30		10,05		3,94		10,00		7,57		
Junho	12,86		11,89		9,09		10,37		4,11		9,69		7,68		
Julho	13,65		11,33		9,27		10,01		4,32		9,48		7,66		
Agosto	14,08		11,29		8,25		9,83		4,15		9,58		7,52		
Setembro	14,80		11,95		8,21		9,30		4,23		9,71		7,47		
Outubro	15,51		12,21		8,15		9,43		4,35		9,96		7,64		
Novembro	15,73		11,06		8,33		9,50		4,24		10,35		7,62		
Dezembro	15,33		11,43		8,00		9,95		4,24		10,37		7,69		

2 - PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

2.20 - EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA

2.20.1 - EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES - 1985/86

Idade mínima - 15 anos		Período de referência - Semana													
MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS OCUPADAS (%)														
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média		
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	
Janeiro	44,44	47,81	51,25	52,56	51,00	55,02	50,94	53,61	59,27	62,80	60,22	61,33	54,91	57,95	
Fevereiro	45,09	49,10	52,11	53,34	51,09	54,25	51,37	53,34	60,31	63,25	60,46	61,97	55,65	58,16	
Março	44,58	49,30	52,05	53,77	50,66	54,88	51,72	54,19	60,54	63,01	58,88	59,89	55,67	58,25	
Abril	45,05	49,02	52,23	53,56	50,90	54,50	52,13	54,39	59,81	62,14	59,20	59,69	55,60	57,84	
Maió	46,08		53,35		51,75		52,41		59,33		58,91		55,59		
Junho	45,81		52,66		51,63		52,14		59,54		58,94		55,56		
Julho	46,28		53,18		52,45		52,42		59,30		59,05		55,70		
Agosto	46,30		53,20		52,59		52,31		59,77		58,92		55,82		
Setembro	46,40		51,88		52,23		52,31		59,95		59,34		55,87		
Outubro	47,47		52,20		53,33		52,39		60,02		59,57		56,10		
Novembro	46,66		51,95		53,27		51,89		60,38		59,50		56,03		
Dezembro	47,70		51,65		53,94		52,82		61,25		59,32		56,76		

2.21 - CONTA PRÓPRIA SEM RENDIMENTOS

2.21.1 - CONTA PRÓPRIA QUE, EFETIVAMENTE, NÃO RECEBERAM RENDIMENTO DE TODOS OS TRABALHOS, NO MÊS DE REFERÊNCIA, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

Idade mínima - 15 anos		Período de referência - Semana													
MESES DA PESQUISA	CONTA PRÓPRIA QUE, EFETIVAMENTE, NÃO RECEBERAM RENDIMENTO DE TODOS OS TRABALHOS, NO MÊS DE REFERÊNCIA, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)														
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média		
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	
Janeiro	1,62	1,02	0,72	0,39	1,86	1,24	1,02	0,53	1,01	0,72	0,86	1,12	1,10	0,74	
Fevereiro	2,25	1,11	0,52	0,36	2,21	1,11	1,23	0,59	1,21	0,92	1,28	1,21	1,33	0,84	
Março	1,79	1,14	0,62	0,47	2,01	1,32	0,97	0,63	1,03	0,77	1,77	1,31	1,19	0,82	
Abril	1,85	0,84	0,39	0,44	1,66	1,44	0,86	0,45	1,00	0,69	1,24	0,89	1,06	0,70	
Maió	1,92		0,64		1,43		0,91		0,87		1,38		1,02		
Junho	1,63		0,66		1,44		0,87		0,91		1,03		0,98		
Julho	1,73		0,53		1,60		0,83		1,01		1,10		1,03		
Agosto	1,98		0,42		1,97		0,73		1,00		1,10		1,04		
Setembro	1,38		0,61		1,43		0,67		0,74		1,04		0,84		
Outubro	1,33		0,51		1,55		0,59		0,66		1,03		0,78		
Novembro	1,33		0,73		1,28		0,48		0,86		0,73		0,81		
Dezembro	1,17		0,70		1,19		0,38		0,70		0,96		0,71		

2.22 - CONTA PRÓPRIA COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO

2.22.1 - CONTA PRÓPRIA QUE, EFETIVAMENTE, RECEBERAM RENDIMENTO DE TODOS OS TRABALHOS, NO MÊS DE REFERÊNCIA, INFERIOR A UM SALÁRIO MÍNIMO, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

Idade mínima - 15 anos		Período de referência - Semana													
MESES DA PESQUISA	CONTA PRÓPRIA QUE, EFETIVAMENTE, RECEBERAM RENDIMENTO DE TODOS OS TRABALHOS, NO MÊS DE REFERÊNCIA, INFERIOR A UM SALÁRIO MÍNIMO, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)														
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média		
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	
Janeiro	12,12	9,89	12,74	11,78	9,90	7,76	8,53	7,09	4,34	3,12	5,86	5,58	7,08	5,73	
Fevereiro	10,92	8,94	11,86	10,17	9,35	7,42	7,99	6,83	3,90	2,94	5,32	4,89	6,49	5,35	
Março	10,35	8,32	11,62	8,95	8,85	6,71	6,89	5,99	3,50	2,34	5,10	4,48	5,89	4,64	
Abril	10,04	10,33	10,78	10,84	8,98	8,47	6,64	7,87	3,65	3,51	5,30	6,06	5,84	6,19	
Maió	9,69		10,33		8,39		6,55		2,95		4,45		5,35		
Junho	12,83		13,87		10,79		9,40		5,54		7,18		8,08		
Julho	12,12		12,00		10,20		9,14		4,99		6,95		7,54		
Agosto	10,86		12,58		9,03		8,14		4,23		6,78		6,81		
Setembro	10,02		11,98		9,11		7,51		3,59		5,87		6,18		
Outubro	8,98		11,61		8,49		7,10		3,52		5,25		5,85		
Novembro	8,55		10,83		8,00		6,96		2,99		5,01		5,47		
Dezembro	11,28		12,05		8,38		8,14		4,12		6,39		6,68		

2 - PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

2.23 - DESEMPREGADOS E OCUPADOS COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO

2.23.1 - PESSOAS DESOCUPADAS E PESSOAS OCUPADAS QUE, EFETIVAMENTE, NÃO RECEBERAM RENDIMENTO OU AUFERIRAM REMUNERAÇÃO DE TODOS OS TRABALHOS, NO MÊS DE REFERÊNCIA, INFERIOR A UM SALÁRIO MÍNIMO REGIONAL, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA - 1985/86

Idade mínima - 15 anos Período de referência - Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS E PESSOAS OCUPADAS QUE, EFETIVAMENTE, NÃO RECEBERAM RENDIMENTO OU AUFERIRAM REMUNERAÇÃO DE TODOS OS TRABALHOS, NO MÊS DE REFERÊNCIA, INFERIOR A UM SALÁRIO MÍNIMO REGIONAL, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986	1985	1986
Janeiro	42,17	32,55	39,23	30,22	37,77	27,97	30,40	22,91	23,92	16,88	23,85	20,61	28,95	21,55
Fevereiro	39,57	30,01	37,32	27,81	37,71	28,05	29,94	22,50	24,02	17,07	23,81	21,02	28,51	21,26
Março	39,82	27,84	38,20	27,06	37,11	26,57	27,86	20,88	22,65	15,80	25,38	20,13	27,47	19,86
Abril	37,67	36,83	35,78	33,49	34,59	34,90	26,23	27,32	21,76	21,98	23,89	24,90	25,98	26,37
Maio	36,48		35,38		32,79		25,79		19,62		22,82		24,59	
Junho	44,68		38,90		39,74		31,80		28,21		28,88		31,80	
Julho	40,23		36,68		35,93		29,39		24,34		26,18		28,44	
Agosto	38,29		36,44		34,71		27,60		22,21		25,09		26,78	
Setembro	36,73		33,82		33,41		26,04		20,42		23,24		25,04	
Outubro	34,59		32,27		30,81		24,66		18,82		20,58		23,33	
Novembro	31,43		31,32		28,63		23,60		16,87		19,66		21,71	
Dezembro	34,43		32,07		31,56		25,13		19,20		21,50		23,81	

2.24 - RENDIMENTO MÉDIO DAS PESSOAS OCUPADAS

2.24.1 - RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO PRINCIPAL DAS PESSOAS OCUPADAS QUE, EFETIVAMENTE, RECEBERAM REMUNERAÇÃO NO MÊS DE REFERÊNCIA, SEGUNDO OS MESES DE REFERÊNCIA - 1982/86

REGIÕES METROPOLITANAS DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

Idade mínima - 15 anos Período de referência - Semana

MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO PRINCIPAL DAS PESSOAS OCUPADAS QUE, EFETIVAMENTE, RECEBERAM REMUNERAÇÃO NO MÊS DE REFERÊNCIA (Cr\$)									
	Rio de Janeiro					São Paulo				
	1982	1983	1984	1985	1986	1982	1983	1984	1985	1986
Janeiro	87 391	165 528	493 209	1 832 378	...	91 179	207 478	611 615	2 480 951
Fevereiro	78 110	179 252	542 140	2 091 117	...	94 068	219 514	671 622	2 765 397
Março	81 434	193 823	610 756	(1) 2 298	...	97 540	231 341	718 220	(1) 3 018
Abril	86 066	205 691	647 150		...	102 661	247 050	781 841	
Maio	94 797	231 481	764 648		...	114 553	284 766	909 409	
Junho	54 553	99 094	248 355	838 008		57 340	121 807	308 814	1 016 539	
Julho	50 167	101 447	278 990	916 356		61 660	125 005	331 005	1 110 129	
Agosto	53 234	108 214	304 965	988 335		64 138	132 170	367 178	1 237 396	
Setembro	57 671	115 134	312 400	1 081 194		67 800	138 314	389 526	1 377 948	
Outubro	60 341	122 667	350 839	1 161 221		72 244	149 000	431 928	1 502 710	
Novembro	68 950	140 273	397 772	1 450 265		84 118	178 556	531 942	1 972 031	
Dezembro	85 314	175 872	519 150	1 759 454		110 665	240 499	662 188	2 514 152	

(1) Em cruzados.

2.25 - RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO

2.25.1 - RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO PRINCIPAL DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA QUE, EFETIVAMENTE, RECEBERAM REMUNERAÇÃO NO MÊS DE REFERÊNCIA, SEGUNDO OS MESES DE REFERÊNCIA - 1982/86

REGIÕES METROPOLITANAS DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

Idade mínima - 15 anos Período de referência - Semana

MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO PRINCIPAL DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA QUE, EFETIVAMENTE, RECEBERAM REMUNERAÇÃO NO MÊS DE REFERÊNCIA (Cr\$)									
	Rio de Janeiro					São Paulo				
	1982	1983	1984	1985	1986	1982	1983	1984	1985	1986
Janeiro	100 444	184 603	539 781	1 972 876	...	95 482	218 930	650 199	2 514 294
Fevereiro	87 360	199 994	592 865	2 212 790	...	99 058	232 205	720 210	2 796 281
Março	90 800	218 079	672 891	(1) 2 452	...	100 601	246 166	765 406	(1) 3 001
Abril	93 853	235 616	722 708		...	106 888	262 133	834 537	
Maio	102 754	268 602	873 862		...	119 866	313 915	988 379	
Junho	60 537	108 649	288 538	943 238		60 494	129 741	341 869	1 099 552	
Julho	56 490	113 023	321 974	1 030 390		64 371	132 303	360 938	1 192 351	
Agosto	60 409	118 962	346 718	1 102 461		66 545	139 242	398 596	1 326 397	
Setembro	66 121	130 196	350 969	1 198 457		70 874	146 843	426 142	1 462 718	
Outubro	69 093	138 115	399 670	1 295 839		74 044	157 568	467 979	1 615 703	
Novembro	79 922	159 476	471 269	1 639 272		89 816	197 826	596 915	2 091 303	
Dezembro	102 411	216 008	626 004	2 021 089		123 709	275 594	750 503	2 730 162	

(1) Em cruzados.

2 - PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

2.26 - RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA DE TRABALHO

2.26.1 - RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO PRINCIPAL DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA QUE, EFETIVAMENTE, RECEBERAM REMUNERAÇÃO NO MÊS DE REFERÊNCIA, SEGUNDO OS MESES DE REFERÊNCIA - 1982/86

REGIÕES METROPOLITANAS DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

Idade mínima - 15 anos		Período de referência - Semana									
MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO PRINCIPAL DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA QUE, EFETIVAMENTE, RECEBERAM REMUNERAÇÃO NO MÊS DE REFERÊNCIA (Cr\$)										
	Rio de Janeiro					São Paulo					
	1982	1983	1984	1985	1986	1982	1983	1984	1985	1986	
Janeiro	68 821	128 740	434 136	1 535 484	...	64 123	146 139	419 279	1 792 215	
Fevereiro	61 716	141 040	460 761	1 778 426	...	64 171	152 983	447 949	1 917 953	
Março	67 157	151 770	504 603 (1)	1 861	...	73 648	149 354	494 023 (1)	2 088	
Abril	74 265	155 783	523 135		...	76 193	158 031	505 716		
Maió	82 409	171 199	585 944		...	81 406	173 654	596 396		
Junho	50 349	88 807	184 124	657 288		39 343	83 943	189 287	684 110		
Julho	44 396	87 118	207 335	748 046		40 863	81 326	235 845	769 689		
Agosto	44 774	90 868	227 361	777 723		43 409	88 146	251 713	877 365		
Setembro	45 743	90 491	226 135	849 166		43 199	89 831	258 991	926 885		
Outubro	46 817	91 574	256 816	918 535		46 896	97 619	295 033	1 023 578		
Novembro	49 744	103 591	284 232	1 089 037		52 698	111 433	336 651	1 290 383		
Dezembro	53 139	114 659	359 822	1 233 588		68 092	149 938	406 316	1 627 678		

(1) Em cruzados.

2.27 - RENDIMENTO MÉDIO DOS CONTA PRÓPRIA

2.27.1 - RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO PRINCIPAL DOS CONTA PRÓPRIA QUE, EFETIVAMENTE, RECEBERAM REMUNERAÇÃO NO MÊS DE REFERÊNCIA, SEGUNDO OS MESES DE REFERÊNCIA - 1982/86

REGIÕES METROPOLITANAS DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

Idade mínima - 15 anos		Período de referência - Semana									
MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO PRINCIPAL DOS CONTA PRÓPRIA QUE, EFETIVAMENTE, RECEBERAM REMUNERAÇÃO NO MÊS DE REFERÊNCIA (Cr\$)										
	Rio de Janeiro					São Paulo					
	1982	1983	1984	1985	1986	1982	1983	1984	1985	1986	
Janeiro	51 416	102 879	298 600	1 245 907	...	65 319	148 084	415 234	1 929 348	
Fevereiro	44 875	104 765	326 930	1 392 289	...	70 072	156 067	450 561	2 047 701	
Março	47 549	115 020	374 817 (1)	1 577	...	75 837	166 477	498 995 (1)	2 448	
Abril	50 065	119 040	386 524		...	77 058	175 493	539 336		
Maió	53 257	135 889	467 444		...	84 183	191 227	605 991		
Junho	29 458	53 301	149 768	529 946		42 185	89 741	205 482	701 876		
Julho	25 939	58 599	168 607	566 749		44 205	91 384	215 923	769 078		
Agosto	27 510	68 648	186 256	698 971		47 946	93 724	240 195	899 827		
Setembro	30 261	69 544	196 838	726 930		52 429	97 536	252 403	1 056 145		
Outubro	32 111	78 025	227 335	751 703		52 940	110 613	284 498	1 081 700		
Novembro	37 437	85 763	225 090	944 842		60 415	122 783	347 417	1 409 794		
Dezembro	49 403	93 711	303 870	1 092 630		68 932	140 150	418 709	1 664 301		

(1) Em cruzados.

NOTAS EXPLICATIVAS

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego – PME - são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

PRINCIPAIS CONCEITOS

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

Trabalho – Considera-se como trabalho o exercício de:

- a) ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos;
- b) ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda à instituição religiosa, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Pessoas Ocupadas – Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele, trabalharam, ou tinham trabalhado mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

Pessoas Desocupadas – Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de referência de 30 dias, conforme o período considerado).

Pessoas Economicamente Ativas – PEA – Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

Pessoas Não-economicamente Ativas – Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

Empregados – Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para um empregador, geralmente cumprindo uma jornada de trabalho e recebendo como contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos.

Conta Própria – Consideram-se como conta própria as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

Empregadores - Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

Não Remunerados - Consideram-se como não remuneradas as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda à instituição religiosa, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Rendimento de Trabalho - Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, inclui-se as parcelas referentes ao 13º salário (14º, 15º, etc.) e à participação nos lucros pela empresa que tiverem sido recebidas no mês de referência.

Para os empregadores e trabalhadores por conta própria considera-se a retirada feita ou ganho líquido (rendimento bruto menos as despesas efetuadas com o negócio ou profissão - salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência.

Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, destes produtos ou mercadorias, efetivamente recebido no mês de referência.

Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.) efetivamente recebido no mês de referência.

Períodos de Referência - Semana de referência - é aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.

Período de referência de 30 dias - são os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

Mês de referência - é aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

COMENTÁRIOS

ÍNDICE DA PRODUÇÃO FÍSICA

Em abril, segundo mês após a implantação do Plano Cruzado, a produção industrial brasileira retoma o acelerado ritmo de crescimento obtido nos dois primeiros meses de 1986. Isto fica particularmente evidente na série sazonalmente ajustada, onde o Índice de abril relativamente à média de 1981 (119,97) volta praticamente ao mesmo patamar de fevereiro (119,28), para a indústria geral.

Tomando-se ainda os Índices sazonalmente ajustados segundo os ramos industriais, verifica-se que a recuperação do ritmo de crescimento, a níveis semelhantes aos do período anterior à reforma econômica, se dá de forma generalizada. Destacam-se aí não só o comportamento de material de transporte (especialmente autoveículos), mecânica e bebidas, cujo desempenho em abril ultrapassa os níveis do primeiro bimestre, como também o resultado da indústria de perfumaria, sabões e velas, única que permanece com queda na produção.

Aspecto importante a ser ressaltado na análise da atividade industrial em abril do corrente ano, é o resultado apresentado pelo indicador mensal que atinge, para a indústria geral, a taxa recorde de 19,63%, contra 3,56% em março e 13,19% em fevereiro. Deve ficar bem claro que este resultado está bastante influenciado, apesar da inegável recuperação do ritmo da expansão industrial em abril último, pela intensidade das greves do ABC paulista, o que levou à comparação entre um período de elevado ritmo de produção (abril de 1986) contra um mês que teve seu nível de atividade significativamente afetado (abril de 1985). Não é por outra razão que os segmentos industriais mais atingidos pelas paralisações apresentaram elevadas taxas: material de transporte 84,46% (principalmente autoveículos com 125,10%), mecânica 37,31% e metalúrgica 18,91%.

A produção acumulada nos primeiros quatro meses deste ano esteve 11,76% acima da verificada em igual período de 1985. Essa taxa mantém o ritmo de crescimento observado no último quadrimestre de 1985 (11,94%), marcado por uma forte aceleração da atividade industrial, conforme se observa na tabela (página 31). A sustentação do ritmo de crescimento nos primeiros meses de 1986, se dá sob as mesmas características presentes desde meados do ano passado em termos do desempenho relativo das diferentes categorias de uso.

Partindo-se dos índices quadrimestrais na tabela (página 31), ressaltam-se os seguintes aspectos:

i) os segmentos de bens de capital e de bens de consumo duráveis que ao longo de 1985 lideraram a expansão industrial, têm reforçado esse papel no primeiro quadrimestre de 1986: passam de 17,73% para 20,47% e de 29,18% para 34,42% respectivamente; em termos dos principais subsetores industriais responsáveis por este desempenho podemos destacar, no caso de bens de capital: tratores e máquinas rodoviárias (28,35% de crescimento em janeiro-abril de 1986), caminhões e ônibus (50,40%), motores e bombas (21,06%) e equipamentos para energia elétrica (15,48%). Entre os bens de consumo duráveis continuam significativos os aumentos na produção de automóveis (31,87%) e de receptores de TV, rádio e som (50,05%).

ii) a categoria de bens intermediários, caracterizada pela ampla diversidade de ramos industriais que a compõem, mantém o ritmo de crescimento no patamar anterior, em torno de 9%. Destaca-se aí o comportamento positivo dos subsetores: extração de petróleo e gás (9,85%), cimento (13,50%), gusa (12,51%), papel (14,63%) e laminados plásticos (12,62%). O desempenho negativo fica por conta de adubos e fertilizantes (-8,00%) e açúcar cristal e demerara (-14,01%).

iii) finalmente, deve ser destacado que a categoria de bens de consumo não-duráveis é a única a ter reduzido seu ritmo de crescimento, passando de uma taxa de 11,84% no último quadrimestre de 1985 para 8,77% no primeiro do corrente ano, conforme tabela (página 31), como reflexo provável do retardamento das decisões de produção, em decorrência do maior impacto do congelamento dos preços e das negociações das margens nas áreas voltadas para o abastecimento. Exemplo disto seria o comportamento das indústrias de perfumaria, laticínios e óleos combustíveis que não recuperaram os resultados do primeiro bimestre.

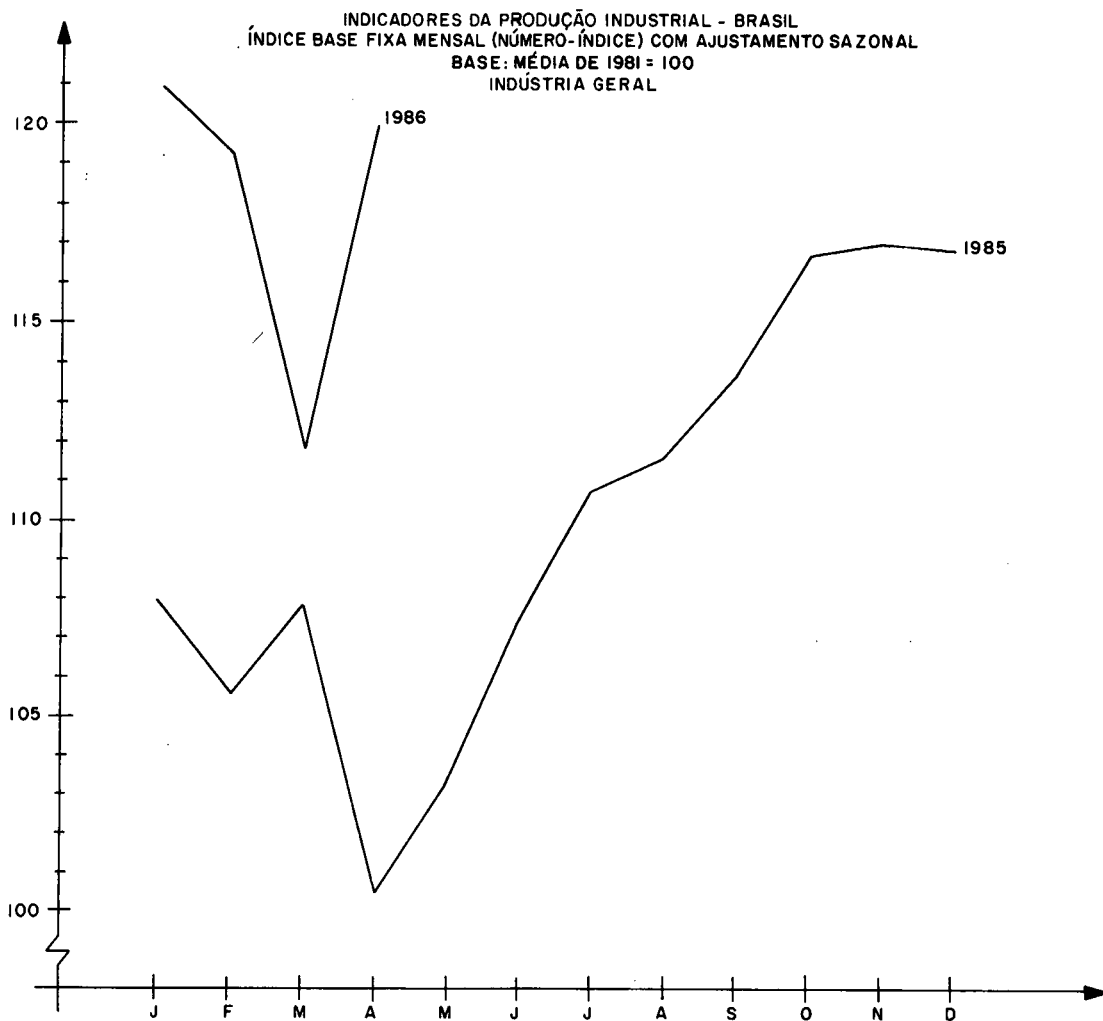
Em resumo, o que se observa é que aos fatores que já vinham sustentando a trajetória ascendente da produção industrial ao longo de 1985 — basicamente o fortalecimento da demanda interna com o crescimento da massa salarial real — foram agregados outros após a reforma econômica, que contribuíram para elevar a renda disponível dos assalariados aumentando sua propensão a consumir, e para criar melhores condições para a ampliação do investimento produtivo com a redução da inflação a níveis administráveis. É previsível, porém, que com a gradual acomodação do consumo (principalmente o de bens duráveis), conforme se diluam os efeitos renda gerados logo após o Plano, e na medida em que os consumidores tendam também a se acostumar com as novas taxas de remuneração das aplicações existentes, haja um natural retorno da conjuntura industrial a níveis de atividades menos aquecidos, especialmente no segmento de bens duráveis.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL – BRASIL

INDICADOR QUADRIMESTRAL

BASE: IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR = 100

CATEGORIAS DE USO	1985			1986
	Jan.-abr.	Maió-ago.	Set.-dez.	Jan.-abr.
Indústria geral	107,65	105,88	111,94	111,76
Bens de capital	112,60	107,62	117,73	120,47
Bens intermediários	106,76	105,52	109,39	109,40
Bens de consumo duráveis	107,37	107,75	129,18	134,42
Bens de consumo não-duráveis .	105,88	105,80	111,84	108,77



COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL ⁽¹⁾
(indicador acumulado, segundo os gêneros da indústria)
JANEIRO-ABRIL 1986

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS ⁽²⁾
Extrativa mineral	0,52	Petróleo em bruto Carvão de pedra lavado ou beneficiado
Minerais não-metálicos	0,61	Canos, tubos e manilhas de cimento Cimento comum
Metalúrgica	1,46	Tubos e canos de aço com costura Fogões e fornos, não-elétricos
Mecânica	1,64	Refrigeradores para uso doméstico, elétricos Tratores - exclusive agrícolas
Material elétrico	2,15	Aparelhos receptores de TV em cores Fio, cabo e condutor de cobre isolado, com ou sem alma de aço
Material de transporte	1,91	Automóveis para passageiros Caminhões de menos de 20 t de CMT
Papel e papelão	0,29	Papel ofsete Papel de acabamento especial
Borracha	0,18	Saltos e solas de borracha para calças - inclusive pré-moldados Pneumáticos para automóveis
Química	0,48	Óleo diesel Óleos lubrificantes básicos e acabados
Farmacêutica	0,28	Antibióticos - inclusive trimetoprim Vitaminas dosadas
Perfumaria	0,07	Velas (cera, estearina, sebo, etc.) Desodorantes líquidos
Matérias plásticas	0,37	Artigos de material plástico para uso doméstico Plástico em lençol
Têxtil	0,89	Tecido acabado ou beneficiado, artificial ou sintético Tecido acabado ou beneficiado, de algodão
Vestuário	0,23	Sapatos, sandálias e botas de couro para senhoras Calças compridas de tecidos - inclusive tecidos de malha
Produtos alimentares	0,38	Suco e concentrado de laranja Carne de bovino, verde
Bebidas	0,25	Refrigerantes Cerveja - inclusive chope
Fumo	0,05	Cigarros
Indústria Geral	11,76	

(1) $C = (I_g - 100) \times \alpha$, onde;

C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;

I_g = Indicador do gênero; e

α = Participação do peso do gênero, no total da indústria geral.

(2) Foram destacados em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

ÍNDICE DA PRODUÇÃO FÍSICA REGIONAL

O plano de estabilização econômica posto em prática a partir do final de fevereiro, por sua amplitude e profundidade, não poderia deixar de ter conseqüências imediatas (e de certa forma esperadas) sobre o setor produtivo industrial, atingindo indistintamente todas as regiões pesquisadas que apresentaram, no mês de março, expressiva retração do crescimento da produção. Comparando-se o resultado desse mês com o desempenho médio dos oito meses precedentes (vide tabela abaixo), observa-se que a indústria do Rio de Janeiro e da Região Nordeste foram as que menos se retraíram, enquanto que a paulista e da Região Sul registraram as maiores reduções de expansão. A análise do comportamento da produção regional, a nível de gêneros, indica que são os ramos particularmente relacionados à área de abastecimento que sofreram, inicialmente, os maiores impactos com essas medidas. Exemplos disto são as significativas contrações no ritmo de crescimento observadas nos gêneros alimentares, perfumaria e farmacêutica, para os vários locais em que são selecionados. Por sua vez, gêneros essencialmente produtores de bens intermediários, como a química e matérias plásticas, também apresentaram redução no crescimento nas diferentes regiões.

Finalmente, cabe observar que os segmentos produtores de bens duráveis são os que, mesmo tendo seu ritmo reduzido, conseguem manter em março taxas de expansão ainda elevadas. São os casos de material de transporte (em São Paulo e Minas, onde o peso da automobilística é notável) e material elétrico e de comunicações (em São Paulo, Rio de Janeiro, Regiões Sul e Nordeste). Vale acrescentar, também, que a produção da indústria de televisão, rádio e som com influência positiva no resultado de março, a nível nacional, não tem o mesmo papel dentro do corte regional, já que está fortemente concentrada na Zona Franca de Manaus (local não selecionado).

LOCAIS	MÉDIA CRESC. JUL/85-FEV/86 (a)	ÍNDICE MENSAL DE MARÇO (b)	DIFERENÇA (b-a)
Região Nordeste	106,96	100,97	-5,99
Minas Gerais	106,32	98,74	-7,58
Rio de Janeiro	111,12	105,80	-5,32
São Paulo	111,76	102,43	-9,33
Região Sul	111,80	102,64	-9,16

A produção industrial nordestina registrou acréscimo de 6,09% no primeiro trimestre de 1986, relativamente aos três primeiros meses de 1985, ficando assim 2,33 pontos percentuais abaixo da taxa registrada para os dois primeiros meses do ano. Isso deve-se ao tímido desempenho verificado na produção de março (0,97%) em comparação a igual mês de 1985, o que significa a menor taxa mensal desde julho de 1984.

A queda no ritmo de crescimento global da indústria nordestina, ainda que tendo se generalizado por 11 dos 14 gêneros industriais pesquisados, deve-se fundamentalmente ao comportamento de dois segmentos básicos (química e produtos alimentares) que respondem por 77% da queda verificada na taxa do indicador acumulado para o total da indústria, entre fevereiro e março últimos. Além da química, com crescimento de 1,65% em março de 1986 relativamente a março de 1985 e de produtos alimentares (-18,08% no mesmo período), a indústria de perfumaria, sabões e velas sobressai pela queda anormal apresentada em março (-48,45%). Nesse grupo destacam-se, negativamente, os produtos: álcool hidratado, açúcar demerara e sabão comum em massa.

Os gêneros material elétrico (42,51% de crescimento na comparação março-86/março-85), papel e papelão (12,66%) e matérias plásticas (32,11%) foram os únicos a revelar elevação no ritmo de crescimento. Tal comportamento foi consequência do bom desempenho observado na produção de: fio, cabo e condutor de alumínio nu, sacos de papel multifoldados e chapas ou placas de plástico para revestimento.

MINAS GERAIS

O nível de atividade da indústria mineira no mês de março de 1986 assinalou uma queda de 1,26 pontos percentuais, em relação a igual mês do ano anterior, influenciando desta forma no resultado acumulado do trimestre cuja taxa de expansão situou-se em 2,45%, bem abaixo portanto, da média de crescimento da indústria nos últimos dois anos (1985 - 7,76%; 1984 - 11,16%). Vale assinalar que Minas Gerais foi o único local a apresentar queda na produção na comparação março-86/março-85.

Desde o terceiro trimestre do ano passado que a indústria mineira vem apresentando sinais de declínio nas taxas de crescimento, motivado em grande parte pela diminuição no ritmo de crescimento do setor metalúrgico, carro-chefe da economia mineira, cuja performance vem sendo afetada por fatores de caráter conjuntural como: redução das compras externas de produtos siderúrgicos e de caráter técnico (paralisação de alto-fornos).

Além da indústria metalúrgica (-4,67%), os outros segmentos que

contribuíram negativamente para o resultado do mês de março foram: minerais não-metálicos (-2,46%); química (-3,06%) e produtos alimentares (-12,25%).

RIO DE JANEIRO

A indústria do Estado do Rio de Janeiro cresceu 5,80% em março de 1986 com relação a idêntico mês do ano anterior, amortecendo assim, o acelerado ritmo de expansão que vinha caracterizando a sua produção nos últimos meses (principalmente a partir de outubro de 1985). Esta contração, por outro lado, contribuiu para que o crescimento médio deste primeiro trimestre (11,80%) se situasse, ainda, em nível inferior ao do último trimestre de 1985 (12,67%). Confrontando os resultados do mês de março com os do primeiro bimestre do ano, a nível de gêneros, observa-se que as maiores retrações no ritmo de crescimento se verificaram em perfumaria, alimentares, têxtil, papel e papelão e minerais não-metálicos.

Deve-se frisar, entretanto, que a indústria fluminense foi a que apresentou a melhor performance no mês de março, assim como a que atingiu a maior taxa acumulada de expansão no primeiro trimestre do ano, com 11,53% em relação a igual período de 1985. Como gêneros responsáveis por este desempenho tem-se: metalúrgica (25,49%); química (13,45%); extrativa mineral (18,77%); e têxtil (29,00%). Merece destaque, também, o comportamento negativo de material de transporte, com queda de 31,64% em função do fraco desempenho da indústria de construção naval.

SÃO PAULO

A indústria paulista cresceu 2,43% no mês de março em relação a igual mês do ano anterior, o que representa acentuada queda no nível de expansão observado nos últimos meses. Comparando-se o resultado desse mês com a média de crescimento mensal obtida no período jul./85 a fev./86 (11,76%), observa-se que a magnitude da retração foi da ordem de 9,33 pontos percentuais, sendo que as principais variações nos índices se verificaram em perfumaria, vestuário e mecânica.

No índice acumulado do trimestre, cuja base de comparação é o mesmo período do ano anterior, o crescimento foi de 9,03% (inferior, portanto ao acumulado do primeiro bimestre - 12,65%) destacando-se os gêneros: mecânica (9,97%), material elétrico (20,77%) e material de transporte (17,27%). O desempenho negativo ficou por conta de química (-0,15%) e vestuário (-5,88%) em decorrência das quedas registradas em óleo diesel, superfosfatos simples e fertilizantes no primeiro; sapatos e sandálias de couro para homens e senhoras, blusas e blusões esportes de tecidos, no segundo.

Na Região Sul a indústria cresceu 2,64% em março deste ano relativamente a março de 1985, o que representa um decréscimo significativo em relação à taxa média mensal verificada entre julho-85 e fevereiro-86 que foi de 11,80%.

Tal comportamento pode ser melhor avaliado a nível dos gêneros industriais, na medida que em março dentre os 14 gêneros pesquisados, 8 apresentaram resultado negativo e 3 tiveram desacelerado seu ritmo de expansão quando comparado com a taxa média mensal dos 8 meses precedentes. Destacam-se aí os gêneros bebidas, perfumaria, matérias plásticas e química, visto que apresentam quedas na taxa mensal em torno dos 20 pontos percentuais entre os períodos mencionados.

No indicador acumulado para o primeiro trimestre, menos influenciado pelo desempenho do mês de março, os ramos que mais contribuíram para a expansão de 9,39% da produção, foram, pela ordem: alimentares (12,05%), em consequência do desempenho favorável do açúcar refinado e carne de bovino verde; mecânica (17,58%), com destaque para a produção de refrigeradores para uso doméstico e compressor para refrigerador; e material elétrico e de comunicações (30,59%) tendo como principais produtos responsáveis: fio, cabo e condutor de cobre e caixas acústicas.

DEFINIÇÃO DOS ÍNDICES DIVULGADOS

Índice base fixa: reflete o desempenho do mês de referência do índice, em relação à produção média mensal do ano-base de comparação (1981).

Índice acumulado de doze meses: reflete o desempenho da produção acumulada nos últimos doze meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior.

Índice acumulado: reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

Índice mensal: reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação a igual mês do ano anterior.

Índice mês a mês: reflete o desempenho da produção no mês de referência do índice, em relação ao mês imediatamente anterior.

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Indicadores Conjunturais (DEICO), Rua Visconde de Niterói, 1246, Bloco B, 7º andar, telefone: 264-5227.

3 - INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

3.1 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1986

3.1.1 - BRASIL

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Fevereiro	Março	Abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
Indústria geral	104,67	107,07	111,23	109,18	108,58	109,80
Extrativa mineral	174,18	188,47	185,11	112,66	112,03	111,47
Indústrias de transformação	102,56	104,61	109,00	109,01	108,41	109,72
Minerais não-metálicos	87,22	90,40	92,98	109,09	108,73	109,28
Metalúrgica	114,80	121,07	119,30	106,93	106,31	107,73
Metalúrgica básica	118,72	128,67	124,82	106,05	106,11	107,99
Outros produtos	108,54	108,93	110,47	108,53	106,68	107,25
Mecânica	95,82	100,94	107,27	109,41	108,77	111,89
Material elétrico e de comunicações	120,44	130,58	137,76	122,62	122,15	123,83
Material de transporte	110,05	118,19	124,28	111,22	110,18	116,26
Autoveículos	125,50	137,44	143,18	114,85	114,13	122,29
Outros produtos	79,54	80,20	86,97	102,32	100,42	101,61
Papel e papelão	123,57	125,89	127,42	106,73	106,10	106,70
Borracha	120,16	110,92	118,37	108,01	108,40	108,32
Química	93,67	93,18	100,15	106,72	106,26	106,61
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	102,60	103,01	106,19	100,15	100,59	101,41
Outros produtos	87,80	86,73	96,19	110,55	109,54	109,61
Farmacêutica	113,11	108,09	117,33	107,52	107,00	108,23
Perfumaria, sabões e velas	134,96	94,08	91,80	116,19	113,33	111,95
Produtos de matérias plásticas	117,50	110,30	111,04	112,58	111,84	112,41
Têxtil	102,21	107,98	110,56	113,80	112,91	113,12
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	83,07	90,97	97,99	108,90	108,08	108,49
Produtos alimentares	89,26	77,54	81,06	101,51	100,87	100,93
Bebidas	105,19	99,22	111,92	115,68	117,96	116,91
Fumo	148,38	193,39	201,35	110,40	108,56	108,20

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/fevereiro	Janeiro/março	Janeiro/abril	Fevereiro	Março	Abril
Indústria geral	112,37	109,29	111,76	113,19	103,56	119,63
Extrativa mineral	113,45	111,32	110,29	114,41	107,38	107,31
Indústrias de transformação	112,31	109,18	111,84	113,13	103,36	120,34
Minerais não-metálicos	112,15	109,78	111,32	111,93	105,32	116,06
Metalúrgica	109,75	107,88	110,45	110,83	104,42	118,91
Metalúrgica básica	114,08	111,72	113,98	114,91	107,48	121,36
Outros produtos	102,83	101,56	104,57	104,34	99,08	114,73
Mecânica	112,56	110,97	117,04	115,24	108,12	137,31
Material elétrico e de comunicações	132,14	127,74	130,34	132,64	120,21	138,00
Material de transporte	111,93	110,65	123,97	119,65	108,35	184,46
Autoveículos	115,52	115,14	132,59	122,97	114,47	225,10
Outros produtos	102,14	98,42	102,60	110,38	91,75	116,27
Papel e papelão	108,55	106,14	107,13	111,11	101,53	110,22
Borracha	114,26	112,91	112,23	113,73	110,15	110,30
Química	106,32	102,51	103,02	102,27	95,24	104,54
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	102,40	102,03	103,19	97,66	101,27	106,83
Outros produtos	109,53	102,88	102,89	106,11	91,01	102,93
Farmacêutica	117,54	112,94	115,99	130,12	104,89	125,22
Perfumaria, sabões e velas	128,44	112,80	106,71	138,64	83,33	87,75
Produtos de matérias plásticas	117,64	112,93	112,97	119,57	103,77	113,08
Têxtil	114,57	111,66	112,95	112,88	106,30	116,90
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	107,65	104,01	104,91	110,95	97,65	107,43
Produtos alimentares	109,23	103,89	103,97	107,97	92,45	104,25
Bebidas	122,85	120,62	120,60	122,85	115,83	120,55
Fumo	106,33	102,12	103,27	104,22	97,05	105,93

3 - INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

3.1 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1985-86

3.1.2 - BASE FIXA MENSAL, COM AJUSTAMENTO SAZONAL

CLASSES E GÊNEROS	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL
Indústria geral	116,80	117,03	116,89	120,82	119,28	111,82	119,97
Extrativa mineral	185,68	187,09	189,12	187,73	189,06	186,48	189,32
Indústrias de transformação	114,71	114,91	114,70	118,80	117,17	109,57	117,88
Minerais não-metálicos	92,25	94,76	94,99	95,02	94,55	91,32	96,70
Metalúrgica	117,29	120,22	122,01	124,76	124,39	121,73	122,72
Metalúrgica básica	122,72	125,60	130,03	131,93	131,04	128,73	129,02
Outros produtos	108,60	111,62	109,17	113,29	113,75	110,52	112,64
Mecânica	100,80	103,66	100,49	106,93	104,88	101,03	108,49
Material elétrico e de comunicações	120,73	129,50	132,25	139,22	138,02	136,36	141,71
Material de transporte	120,93	119,30	106,97	115,94	118,20	121,26	141,18
Autoveículos	138,77	134,74	119,47	129,66	131,78	141,33	165,29
Outros produtos	85,72	88,82	82,31	88,86	91,40	81,64	93,59
Papel e papelão	128,67	127,69	132,27	132,45	132,86	125,64	129,80
Borracha	121,74	124,44	124,10	128,63	123,16	113,96	117,44
Química	132,07	125,18	127,36	128,59	123,89	108,28	119,39
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	107,50	106,87	119,04	112,21	109,99	107,08	110,79
Outros produtos	148,21	137,21	132,82	139,35	133,02	109,07	125,04
Farmacêutica	117,80	117,96	116,06	111,58	123,98	111,78	125,71
Perfumaria, sabões e velas	130,19	121,95	120,71	138,57	146,57	95,46	93,33
Produtos de matérias plásticas	122,30	123,35	132,42	132,44	126,10	107,89	116,89
Têxtil	107,02	111,09	112,61	115,09	112,05	106,03	116,26
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	104,08	103,59	99,51	101,83	102,14	98,42	99,72
Produtos alimentares	105,90	103,29	106,57	114,04	110,11	94,91	105,89
Bebidas	107,53	109,07	109,37	114,28	111,45	98,71	122,22
Fumo	128,01	131,01	106,91	124,06	120,71	119,11	118,51

3.2 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO - 1986

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Fevereiro	Março	Abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
Bens de capital	91,20	94,93	104,98	113,05	111,93	115,20
Bens intermediários	111,66	116,03	117,55	107,72	107,20	108,06
Bens de consumo	102,91	102,70	108,54	110,68	110,25	111,34
Consumo durável	122,98	134,51	136,90	117,10	117,44	123,47
Consumo não-durável	98,71	96,04	102,61	109,32	108,72	108,80

CATEGORIAS DE USO	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/fevereiro	Janeiro/março	Janeiro/abril	Fevereiro	Março	Abril
Bens de capital	117,04	113,66	120,47	121,44	107,65	143,22
Bens intermediários	110,50	107,80	109,40	110,54	102,79	114,40
Bens de consumo	114,99	111,13	113,29	115,85	103,88	120,11
Consumo durável	123,48	122,76	134,42	129,71	121,49	182,02
Consumo não-durável	113,09	108,46	108,77	112,72	99,65	109,70

3 - INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

3.3 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS - 1986

(continua)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Fevereiro	Março	Abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
Extração de minerais metálicos	121,44	123,11	124,62	107,95	106,64	106,11
Extração de petróleo e gás natural	238,71	264,90	255,90	115,96	114,87	113,99
Extração de carvão mineral	121,29	123,83	120,07	112,37	119,78	121,74
Cimento	67,54	70,32	78,68	107,92	107,19	109,79
Vidro e artefatos de vidro	114,08	123,22	118,27	114,90	115,40	115,32
Artefatos de cimento e concreto	96,32	95,88	94,61	124,68	124,94	125,11
Tijolos e artefatos de barro	94,07	98,85	99,70	105,30	105,98	106,60
Gusa	145,42	162,71	154,85	113,71	113,33	113,65
Aço, ferro — liga em forma primária	138,22	154,17	144,51	110,61	110,09	109,91
Laminados de aço	110,11	122,97	117,10	104,21	104,63	104,98
Fundidos e forjados de aço	111,22	116,41	122,62	108,98	106,86	110,26
Trefilados	109,54	113,49	108,76	106,63	106,07	106,51
Motores e bombas	119,96	118,40	139,53	112,98	111,78	116,99
Máquinas agrícolas	109,70	122,08	116,98	102,17	102,71	103,98
Tratores e máquinas rodoviárias	89,00	99,41	110,15	106,92	105,49	110,38
Equipamentos para escritório e uso domiciliar	124,86	134,46	130,07	113,67	115,36	120,83
Equipamentos para energia elétrica	104,55	107,65	115,24	115,93	115,41	116,28
Condutores elétricos	164,72	174,28	158,79	138,25	138,34	138,30
Material elétrico — exclusive para veículos	111,93	125,71	129,18	118,59	115,72	114,33
Material elétrico para veículos	119,78	131,44	146,66	105,01	104,90	109,81
Motores e aparelhos elétricos	121,26	131,46	120,10	117,21	117,19	117,25
Receptores de televisão, rádio e som	120,52	130,33	153,02	133,45	133,71	137,01
Automóveis e camionetas	134,28	157,60	154,10	111,02	110,95	120,76
Caminhões e ônibus	110,93	105,73	123,14	132,53	131,31	138,99
Motores e autopeças	132,31	146,98	152,59	108,32	106,74	111,91
Indústria naval	43,55	45,05	52,48	86,71	83,35	82,51
Celulose e pasta mecânica	117,54	124,16	124,91	102,54	101,40	101,79
Papel e papelão	138,11	151,32	147,84	110,25	110,91	111,87
Artefatos de papel e papelão	116,39	108,05	108,79	107,45	106,41	106,46
Pneumáticos	121,12	112,19	119,56	103,86	103,78	103,16
Refino de petróleo	97,11	97,52	101,91	99,04	99,53	100,53
Petroquímica	138,59	137,30	132,68	105,67	105,85	105,68
Resinas, fibras e elastômeros	130,48	141,77	142,80	102,76	103,20	103,69
Pigmentos e tintas	106,10	98,57	105,47	113,41	112,60	114,15
Adubos e fertilizantes	85,03	69,51	86,81	100,67	96,94	96,65
Laminados plásticos	115,25	105,44	109,13	110,09	109,79	111,39
Fiação e tecelagem têxteis naturais	104,01	111,36	114,42	116,44	114,58	113,97
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	104,75	107,40	110,70	108,32	108,66	110,02
Calçados	87,50	100,51	111,22	105,69	106,19	107,54
Moagem de trigo	104,11	94,25	111,38	99,14	100,13	102,91
Abate e preparo de carne	88,69	101,92	126,89	105,69	106,63	106,83
Abate e preparo de aves	110,63	122,69	126,52	106,44	105,21	104,49
Laticínios	103,66	108,07	97,32	93,98	93,75	93,26
Usinas de açúcar	49,30	16,83	1,30	89,52	88,49	88,12
Refino de açúcar	102,20	87,99	91,92	97,06	100,82	102,15
Refino de óleos e gorduras para alimentos	100,14	67,48	96,11	105,86	102,10	105,83
Preparo de alimentos para animais	86,57	84,82	96,32	106,98	106,29	106,77
Cerveja, chope e malte	114,30	109,72	118,22	109,55	113,06	114,76
Refrigerantes	106,51	101,07	126,92	122,87	125,53	126,73

3 - INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

3.3 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS - 1986

(conclusão)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Fevereiro	Março	Abril
Extração de minerais metálicos	112,82	107,38	105,83	115,15	98,02	101,51
Extração de petróleo e gás natural	111,38	110,44	109,85	112,51	108,70	108,09
Extração de carvão mineral	140,10	138,14	130,99	141,42	134,19	109,58
Cimento	114,00	108,12	113,50	108,85	97,84	131,24
Vidro e artefatos de vidro	118,12	117,50	117,88	117,78	116,37	119,02
Artefatos de cimento e concreto	136,52	131,74	129,53	138,29	122,79	123,07
Tijolos e artefatos de barro	111,57	110,66	110,53	114,13	108,89	110,17
Gusa	119,84	114,47	112,51	115,72	105,60	107,01
Aço, ferro - liga em forma primária	111,50	108,20	106,37	107,94	102,43	101,10
Laminados de aço	109,77	108,82	108,44	111,84	107,10	107,32
Fundidos e forjados de aço	111,77	108,33	116,49	114,95	102,26	147,37
Trefilados	109,54	107,99	109,30	108,08	105,02	113,60
Motores e bombas	118,02	112,20	121,06	111,89	101,56	153,15
Máquinas agrícolas	97,23	100,28	103,56	101,84	106,46	114,65
Tratores e máquinas rodoviárias	119,46	116,85	128,35	121,36	112,70	168,59
Equipamentos para escritório e uso domiciliar	116,68	120,00	128,28	126,00	126,50	160,38
Equipamentos para energia elétrica	117,52	114,26	115,48	115,55	108,24	119,03
Condutores elétricos	156,24	150,69	148,06	148,70	140,64	139,98
Material elétrico - exclusive para veículos	113,67	110,50	111,14	109,53	105,19	112,95
Material elétrico para veículos	104,82	106,08	117,90	107,95	108,57	165,95
Motores e aparelhos elétricos	115,11	117,56	117,54	125,36	122,02	117,49
Receptores de televisão, rádio e som	157,16	146,39	150,05	155,89	129,67	159,87
Automóveis e camionetas	108,67	111,99	133,40	116,73	117,91	275,99
Caminhões e ônibus	145,25	136,34	150,40	158,83	120,58	208,12
Motores e autopeças	102,81	103,10	115,62	105,36	103,63	173,51
Indústria naval	75,19	72,63	76,11	79,11	68,12	86,59
Celulose e pasta mecânica	101,97	100,30	101,90	104,64	97,15	106,96
Papel e papelão	114,39	114,16	114,63	115,45	113,74	116,04
Artefatos de papel e papelão	109,72	105,45	105,51	114,26	97,07	105,68
Pneumáticos	103,92	103,96	103,84	104,36	104,05	103,50
Refino de petróleo	101,27	101,20	102,80	95,61	101,05	107,91
Petroquímica	108,19	106,14	104,96	108,52	102,21	101,42
Resinas, fibras e elastômeros	105,60	106,88	107,62	105,14	109,47	109,86
Pigmentos e tintas	115,86	110,09	111,96	121,90	98,77	118,16
Adubos e fertilizantes	110,01	91,61	92,00	102,21	64,94	93,10
Laminados plásticos	114,81	111,23	112,62	119,26	103,99	117,17
Fiação e tecelagem têxteis naturais	111,09	107,92	109,37	109,04	102,18	113,78
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	118,36	116,34	117,89	117,83	112,48	122,67
Calçados	109,52	109,62	111,60	113,23	109,83	117,21
Moagem de trigo	105,74	103,99	110,09	109,87	100,09	132,01
Abate e preparo de carne	102,59	103,32	105,95	107,94	104,60	112,24
Abate e preparo de aves	105,77	104,76	105,40	105,93	102,86	107,25
Laticínios	96,03	95,58	94,89	95,64	94,66	92,64
Usinas de açúcar	91,57	87,41	85,99	94,09	65,34	30,88
Refino de açúcar	117,84	115,88	113,60	117,65	111,16	106,47
Refino de óleos e gorduras para alimentos	113,00	98,79	106,14	121,89	72,24	133,51
Preparo de alimentos para animais	111,64	107,48	109,16	109,03	98,95	114,37
Cerveja, chope e malte	113,66	116,29	121,57	118,02	122,55	140,51
Refrigerantes	132,88	130,52	135,89	126,77	125,09	153,11

3 - INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

3.4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1986

3.4.1 - REGIÃO NORDESTE

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
Indústria geral	139,69	115,90	107,91	108,93	108,77	107,67
Extrativa mineral	152,47	130,14	139,68	99,85	100,20	99,78
Indústrias de transformação	137,92	113,92	103,52	110,62	110,35	109,12
Minerais não-metálicos	94,49	88,23	83,25	108,24	109,07	108,18
Metalúrgica	141,90	120,97	124,87	110,30	111,49	111,11
Material elétrico e de comunicações	112,31	113,85	153,29	114,89	116,96	119,68
Papel e papelão	123,94	115,24	121,34	100,34	100,97	101,81
Borracha	122,76	108,54	102,61	107,43	110,73	110,76
Química	156,25	134,27	114,76	112,40	112,19	111,64
Perfumaria, sabões e velas	135,22	105,92	59,25	109,13	109,21	102,68
Produtos de matérias plásticas	142,01	124,20	150,30	102,78	103,64	105,34
Têxtil	123,09	89,67	85,49	107,90	105,47	102,16
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	103,32	89,63	104,43	118,95	120,01	118,83
Produtos alimentares	155,01	115,11	86,53	109,32	108,00	105,38
Bebidas	127,03	104,22	94,87	109,08	112,17	114,39
Fumo	136,97	108,02	123,27	126,51	129,69	127,72

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro	Fevereiro	Março
Indústria geral	109,32	108,42	106,09	109,32	107,35	100,97
Extrativa mineral	102,83	102,89	102,39	102,83	102,95	101,40
Indústrias de transformação	110,39	109,33	106,73	110,39	108,07	100,89
Minerais não-metálicos	110,10	111,73	108,68	110,10	113,52	102,54
Metalúrgica	128,42	122,20	117,26	128,42	115,63	108,07
Material elétrico e de comunicações	107,59	111,49	122,24	107,59	115,62	142,51
Papel e papelão	103,95	106,52	108,51	103,95	109,44	112,66
Borracha	136,67	136,44	125,99	136,67	136,18	107,45
Química	116,56	114,92	110,82	116,56	113,07	101,65
Perfumaria, sabões e velas	119,04	110,30	90,06	119,04	100,85	51,55
Produtos de matérias plásticas	113,95	110,65	117,54	113,95	107,11	132,11
Têxtil	108,45	108,34	105,45	108,45	108,18	98,90
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	129,23	122,05	119,20	129,23	114,70	114,27
Produtos alimentares	94,80	93,57	90,45	94,80	91,98	81,92
Bebidas	110,69	115,43	115,36	110,69	121,80	115,19
Fumo	147,00	145,18	136,60	147,00	142,93	122,26

3 - INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

3.4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1986

3.4.2 - MINAS GERAIS

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
Indústria geral	115,10	106,12	112,10	106,96	106,84	105,97
Extrativa mineral	121,58	120,20	126,16	109,12	110,37	109,74
Indústrias de transformação	114,55	104,94	110,93	106,77	106,53	105,64
Minerais não-metálicos	96,85	88,95	93,94	107,36	107,22	105,94
Metalúrgica	122,76	109,34	116,55	104,14	103,83	102,86
Material elétrico e de comunicações	148,61	171,83	136,12	149,76	152,67	152,47
Material de transporte	111,82	96,86	154,31	114,82	110,57	106,60
Papel e papelão	163,06	147,07	137,88	103,21	104,84	103,25
Química	132,21	125,07	112,65	105,17	104,83	106,27
Produtos de matérias plásticas	140,00	146,56	141,30	126,09	124,12	117,63
Têxtil	124,30	111,49	116,02	117,11	116,75	114,75
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	79,05	74,26	81,39	108,58	109,85	108,36
Produtos alimentares	76,78	71,51	73,66	94,18	94,33	93,88
Bebidas	121,67	109,74	107,57	112,61	119,31	125,75
Fumo	164,16	140,19	154,06	116,83	117,98	115,92

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro	Fevereiro	Março
Indústria geral	103,42	104,44	102,45	103,42	105,57	98,74
Extrativa mineral	106,07	110,04	108,54	106,07	114,37	105,76
Indústrias de transformação	103,19	103,95	101,92	103,19	104,79	98,12
Minerais não-metálicos	108,95	107,78	104,11	108,95	106,54	97,54
Metalúrgica	103,22	101,93	99,63	103,22	100,53	95,33
Material elétrico e de comunicações	173,92	180,64	159,12	173,92	186,89	124,26
Material de transporte	82,88	86,80	94,58	82,88	91,80	107,62
Papel e papelão	107,89	112,97	104,33	107,89	119,19	89,03
Química	92,12	95,03	95,60	92,12	98,31	96,94
Produtos de matérias plásticas	120,63	111,37	100,55	120,63	103,75	84,00
Têxtil	116,25	114,58	109,99	116,25	112,77	101,72
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	109,52	107,81	103,93	109,52	106,06	97,33
Produtos alimentares	92,78	93,86	91,74	92,78	95,04	87,75
Bebidas	120,44	131,27	137,92	120,44	145,81	154,80
Fumo	124,05	121,26	116,64	124,05	118,16	108,46

3 - INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

3.4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1986

3.4.3 - RIO DE JANEIRO

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
Indústria geral	103,80	97,79	101,14	106,52	108,27	108,17
Extrativa mineral	553,76	498,16	567,32	129,72	129,81	128,41
Indústrias de transformação	94,97	89,93	91,99	104,49	106,36	106,34
Minerais não-metálicos	84,11	80,30	80,40	98,96	102,05	101,93
Metalúrgica	123,50	120,31	129,33	110,85	113,85	115,10
Material elétrico e de comunicações	67,92	64,21	69,13	104,58	106,82	107,58
Material de transporte	39,14	38,87	40,75	87,26	85,33	81,84
Papel e papelão	100,72	88,25	89,17	102,48	103,45	101,84
Química	113,90	100,68	94,86	100,39	101,90	103,64
Farmacêutica	93,49	114,34	102,98	102,61	106,43	107,23
Perfumaria, sabões e velas	130,25	121,44	94,86	98,12	96,14	89,91
Produtos de matérias plásticas	126,79	125,66	140,05	112,05	115,55	117,43
Têxtil	100,33	87,15	100,73	145,59	146,10	142,05
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	75,23	64,71	80,97	98,91	100,00	98,68
Produtos alimentares	92,56	91,91	82,46	100,95	103,56	102,48
Bebidas	112,48	99,29	96,82	110,70	113,68	116,04
Fumo	124,04	91,92	126,79	132,34	135,66	137,52

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro	Fevereiro	Março
Indústria geral	111,89	114,65	111,53	111,89	117,72	105,80
Extrativa mineral	117,88	119,75	118,77	117,88	121,90	116,99
Indústrias de transformação	111,24	114,10	110,76	111,24	117,28	104,59
Minerais não-metálicos	104,81	110,11	106,27	104,81	116,28	99,18
Metalúrgica	128,88	130,17	125,49	128,88	131,53	117,52
Material elétrico e de comunicações	126,51	119,59	116,23	126,51	113,06	110,29
Material de transporte	67,40	69,85	68,36	67,40	72,51	65,67
Papel e papelão	98,77	100,09	96,18	98,77	101,65	88,83
Química	114,75	116,08	113,45	114,75	117,61	107,91
Farmacêutica	94,63	118,43	119,01	94,63	149,09	120,19
Perfumaria, sabões e velas	91,53	91,84	81,06	91,53	92,19	61,80
Produtos de matérias plásticas	120,27	126,90	127,87	120,27	134,37	129,67
Têxtil	136,18	134,84	129,00	136,18	133,33	119,37
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	88,96	92,24	93,66	88,96	96,37	96,23
Produtos alimentares	118,08	117,97	108,64	118,08	117,86	92,30
Bebidas	126,85	124,25	124,83	126,85	121,43	126,11
Fumo	152,79	147,75	145,76	152,79	141,45	142,48

3 - INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

3.4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1986

3.4.4 - SÃO PAULO

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
Indústria geral	104,87	100,76	102,35	108,45	109,28	108,35
Indústrias de transformação	104,87	100,76	102,35	108,45	109,28	108,35
Minerais não-metálicos	100,58	93,11	95,60	108,26	108,29	107,58
Metalúrgica	113,08	110,49	114,99	102,74	103,45	102,39
Mecânica	83,23	87,28	88,44	113,93	114,73	112,49
Material elétrico e de comunicações	113,73	109,49	120,33	114,62	115,34	114,89
Material de transporte	127,73	129,88	132,83	112,69	115,29	114,67
Papel e papelão	139,27	128,45	128,01	107,62	108,82	108,87
Borracha	116,62	125,42	122,19	105,97	105,50	105,41
Química	95,88	87,17	89,37	107,79	107,50	106,55
Farmacêutica	108,24	122,44	118,34	111,62	114,28	113,34
Perfumaria, sabões e velas	144,36	145,04	102,22	117,85	121,93	119,54
Produtos de matérias plásticas	125,62	118,38	107,65	111,76	114,23	113,69
Têxtil	111,11	102,49	106,82	110,57	110,79	109,92
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	79,21	79,96	93,29	107,55	108,22	105,82
Produtos alimentares	87,17	68,49	59,57	96,91	97,60	97,15
Bebidas	112,15	93,98	91,54	110,99	113,60	115,56
Fumo	74,72	55,67	65,35	113,11	115,62	113,13

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro	Fevereiro	Março
Indústria geral	111,14	112,65	109,03	111,14	114,27	102,43
Indústrias de transformação	111,14	112,65	109,03	111,14	114,27	102,43
Minerais não-metálicos	107,29	108,03	106,49	107,29	108,85	103,49
Metalúrgica	103,97	107,44	105,17	103,97	111,24	101,02
Mecânica	112,03	115,13	109,97	112,03	118,25	101,21
Material elétrico e de comunicações	123,87	122,56	120,77	123,87	121,22	117,60
Material de transporte	111,95	120,05	117,27	111,95	129,26	112,22
Papel e papelão	110,79	113,63	111,01	110,79	116,89	105,89
Borracha	99,42	102,79	104,56	99,42	106,13	108,26
Química	107,75	103,33	99,85	107,75	98,88	93,39
Farmacêutica	111,32	120,98	115,42	111,32	131,04	105,92
Perfumaria, sabões e velas	124,80	136,01	120,41	124,80	149,35	90,90
Produtos de matérias plásticas	118,06	122,14	116,45	118,06	126,78	105,33
Têxtil	111,08	110,15	107,30	111,08	109,16	102,00
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	95,15	98,71	94,12	95,15	102,51	87,21
Produtos alimentares	125,41	119,71	110,92	125,41	113,17	93,06
Bebidas	128,51	125,65	123,89	128,51	122,39	120,12
Fumo	102,06	105,18	102,80	102,06	109,68	98,35

3 - INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

3.4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1966

3.4.5 - REGIÃO SUL

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
Indústria geral	109,88	104,45	107,90	106,95	107,99	108,12
Extrativa mineral	130,57	111,73	116,15	104,43	110,79	117,55
Indústrias de transformação	109,57	104,34	107,77	106,99	107,95	107,99
Minerais não-metálicos	96,61	89,12	89,19	106,75	109,07	109,83
Metalúrgica	130,36	136,31	122,99	112,33	111,94	110,87
Mecânica	128,06	127,79	139,53	105,51	107,21	109,66
Material elétrico e de comunicações	152,61	155,81	153,63	121,05	123,17	124,96
Papel e papelão	139,24	129,03	133,20	107,82	107,42	105,70
Química	63,59	59,82	66,12	102,58	102,82	102,28
Perfumaria, sabões e velas	144,97	131,50	104,42	114,69	117,64	116,48
Produtos de matérias plásticas	126,12	108,57	101,68	106,84	107,15	105,20
Têxtil	116,72	111,65	117,43	110,22	110,25	108,91
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	107,64	88,00	97,47	104,20	106,03	106,45
Produtos alimentares	119,80	99,96	89,67	105,21	107,11	107,24
Bebidas	129,18	111,82	92,10	117,31	118,68	119,88
Fumo	77,20	214,08	348,52	100,92	98,58	98,85

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro	Fevereiro	Março
Indústria geral	113,50	113,13	109,39	113,50	112,75	102,64
Extrativa mineral	135,24	135,42	133,87	135,24	135,63	130,74
Indústrias de transformação	113,18	112,82	109,06	113,18	112,44	102,28
Minerais não-metálicos	112,98	116,00	113,16	112,98	119,47	107,66
Metalúrgica	115,08	114,32	109,20	115,08	113,61	99,54
Mecânica	110,36	115,22	117,58	110,36	120,54	122,17
Material elétrico e de comunicações	126,40	130,01	130,59	126,40	133,75	131,76
Papel e papelão	104,15	105,21	102,68	104,15	106,38	97,95
Química	116,95	108,29	100,75	116,95	100,40	89,16
Perfumaria, sabões e velas	119,88	127,16	116,18	119,88	136,27	94,57
Produtos de matérias plásticas	110,73	108,36	102,13	110,73	105,72	96,16
Têxtil	110,37	108,71	105,01	110,37	107,02	98,49
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	105,66	107,95	107,38	105,66	110,88	106,25
Produtos alimentares	120,43	119,73	112,05	120,43	118,91	96,83
Bebidas	125,85	120,88	110,10	125,85	115,60	89,27
Fumo	82,22	90,52	97,08	82,22	93,94	103,34

COMENTÁRIOS

ENCERRAMENTO DA SÉRIE EM CRUZEIROS

(data-base: dez. 84 = 100)

As séries de custos e índices de custos iniciadas em dezembro de 1984, cuja produção e divulgação vêm sendo realizadas pelo IBGE, conforme convênio firmado com o BNH, são encerradas, em consequência do Plano de Estabilização Econômica (Decreto-lei 2.284/86) com os resultados a seguir apresentados⁽¹⁾.

OS CUSTOS

O custo médio do metro quadrado da construção civil acusou, para o conjunto do País, em 28 de fevereiro, Cr\$ 1.924.091. Os custos referentes às Regiões Norte e Sul foram superiores ao custo nacional; nas Regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste foram registrados custos inferiores. A Região Norte apresentou o maior custo, 25,5% acima do nacional, a Região Centro-Oeste o menor, 9,1% abaixo.

Registraram custos mais elevados, em cada Região, as seguintes Unidades da Federação:

Unidades da Federação	Regiões	(Cr\$)
Roraima	Norte	3.372.570
Maranhão	Nordeste	2.233.155
São Paulo	Sudeste	2.049.207
Paraná	Sul	2.021.617
Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	2.043.051

Num cotejo entre todas as Unidades da Federação, o maior custo foi observado em Roraima, seguindo-se o do Acre (Cr\$ 2.638.481) e o de Rondônia (Cr\$ 2.516.337), todos na Região Norte.

Por outro lado, os custos mais baixos em cada Região foram:

Unidades da Federação	Regiões	(Cr\$)
Pará	Norte	2.249.506
Pernambuco	Nordeste	1.681.700
Espírito Santo	Sudeste	1.563.844
Santa Catarina	Sul	1.847.298
Goiás	Centro-Oeste	1.694.333

(1) Maiores explicações sobre o encerramento das séries em cruzeiros, bem como sobre a abertura das séries em cruzados, são apresentadas na *Nota Explicativa* (página 50).

O menor custo em todo o Brasil foi observado no Espírito Santo, seguindo-se o de Minas Gerais, ambos na Região Sudeste.

OS ÍNDICES

A variação mensal do *Índice Nacional do SINAPI* foi de 11,61%. Quanto aos *Índices Regionais* a maior variação mensal foi a da Região Sul (15,23%) e a Região Centro-Oeste (13,42%). A menor variação mensal foi registrada na Região Norte (10,10%).

Nas Unidades da Federação, em cada Região, as variações mensais mais elevadas foram as seguintes:

Unidades da Federação	Regiões	(%)
Roraima	Norte	18,57
Bahia	Nordeste	17,01
Espírito Santo	Sudeste	14,50
Rio Grande do Sul	Sul	17,58
Goiás	Centro-Oeste	14,97

No plano nacional, a variação mensal mais elevada foi a de Roraima.

As menores variações mensais em cada Região foram as seguintes:

Unidades da Federação	Regiões	(%)
Amazonas	Norte	7,43
Pernambuco	Nordeste	5,62
Rio de Janeiro	Sudeste	6,09
Santa Catarina	Sul	11,22
Mato Grosso	Centro-Oeste	6,02

Em todo o País, a menor variação foi a de Pernambuco.

Por outro lado, nos últimos 12 meses registrou-se uma variação 284,72% a nível nacional. A Região Norte apresentou o valor mais elevado (294,89%), seguindo-se as Regiões Sudeste e Sul com 290,10% e 278,58%, respectivamente. Com 271,95% a Região Nordeste apresentou a menor variação nos últimos 12 meses.

Comparadas segundo as Unidades da Federação, as variações em 12 meses mais altas foram as de Roraima e do Acre, respectivamente, 348,00% e 318,27%. A menor variação foi a de Pernambuco (243,06%).

OS CUSTOS METROPOLITANOS

São apresentados, a seguir, os custos médios da construção civil e as variações mensais das nove Regiões Metropolitanas e do Distrito Federal, por sua importância⁽²⁾.

CUSTOS E VARIAÇÕES MENSAIS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS

REGIÕES METROPOLITANAS	CUSTO MÉDIO (Cr\$/m ²)	VARIAÇÃO MENSAL (%)
Belém	2.273.832	11,80
Fortaleza	1.958.073	13,49
Recife	1.657.742	3,42
Salvador	1.915.384	17,51
Belo Horizonte	1.502.372	14,21
Rio de Janeiro	1.770.481	4,88
São Paulo	2.021.445	11,94
Curitiba	1.922.005	16,02
Porto Alegre	1.912.139	17,79
Brasília, DF	1.699.074	14,21

Comparando-se com o custo do Brasil (Cr\$ 1.924.091), observa-se que as Regiões Metropolitanas de Belém, Fortaleza e São Paulo, apresentaram valores maiores; as demais apresentaram custos médios abaixo do custo nacional. Quanto às variações dos custos metropolitanos, as mais baixas foram as de Recife e Rio de Janeiro, com 3,42% e 4,88%, respectivamente.

OS PREÇOS E OS SALÁRIOS⁽³⁾

O comportamento dos preços de materiais de construção nas Regiões Metropolitanas, e no Distrito Federal revela que a maioria deles sofreu reajuste de até 20%. Neste caso, destaca-se São Paulo onde 51 materiais apresentaram variações nesta faixa. Acima de 20,0% e até 30,0% verificou-se o segundo maior número de reajustes, sendo os destaques para Belo Horizonte e Porto Alegre com 10 e Belém e Curitiba com 8 materiais com aumento nesta faixa.

(2) O SINAPI calcula ainda custos médios para 65 Microrregiões Homogêneas, dentre elas as que contêm as demais capitais dos Estados e Territórios (exceto Fernando de Noronha).

(3) São pesquisados mensalmente preços relativos a 64 materiais de construção, um serviço e salários de 10 categorias sócio-profissionais.

As variações mais elevadas foram registradas, com maior frequência, em Curitiba e Porto Alegre. Nestas Regiões Metropolitanas observou-se os seguintes materiais com reajustes de preços acima de 30,0% e até 50,0%. Em Curitiba: *cerâmica esmaltada* (45,7%); *chapa fibrocimento* (38,3%); *registro* (33,5%); *torneira* (34,8%); *peças de 5,0 x 7,5 cm* (30,8%); *pernas (pontaletes)* (33,9%); *tábua* (33,9%); *tubo (manilha)* (37,7%); *janela de ferro* (30,1%). Em Porto Alegre: *cerâmica esmaltada* (36,3%); *dobradiça* (34,9%); *soleira* (45,1%); *telha (tipo colonial)* (42,4%); *tijolo (lajota)* (31,2%); *areia fina* (31,6%); *saibro* (33,6%).

Quanto à mão-de-obra não ocorreram reajustes salariais nas Regiões Metropolitanas.

NOTA EXPLICATIVA

Devido ao Plano de Estabilização Econômica (Decreto-lei 2.284/86), implantado pelo governo, foram necessárias algumas modificações no tratamento das séries de custos e índices de custos.

1. Encerramento das séries iniciadas em dez/84 (em cruzeiros)

Estes resultados foram calculados, adotando-se os seguintes procedimentos:

a) Os custos em 28 de fevereiro/86

Foram calculados com a coleta realizada nos três primeiros dias úteis de março/86, sendo os preços e salários coletados em cruzados. Estes preços e salários foram multiplicados por 1 000, sendo assim, convertidos em cruzeiros.

b) Os índices

Foram calculados, dividindo-se os custos em 28 de fevereiro pelos custos no início de fevereiro (já divulgados). Assim, estes índices refletem as variações ocorridas no mês de fevereiro/86.

2. Abertura de nova série (em cruzados)

Os custos em 28 de fevereiro serão convertidos em cruzados, constituindo-se as bases das novas séries.

a) Os custos de março/86

Serão calculados com os preços coletados no início de abril/86 e os salários coletados em março/86.

b) Os índices de março/86

Serão obtidos dividindo-se os custos de março pelos custos da base. Assim, estes índices irão refletir as variações ocorridas no mês de março/86.

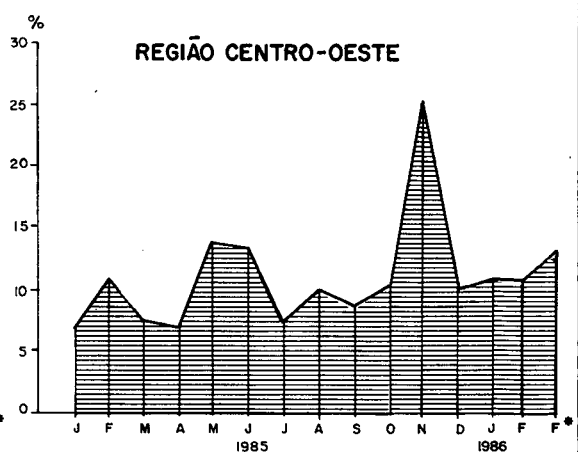
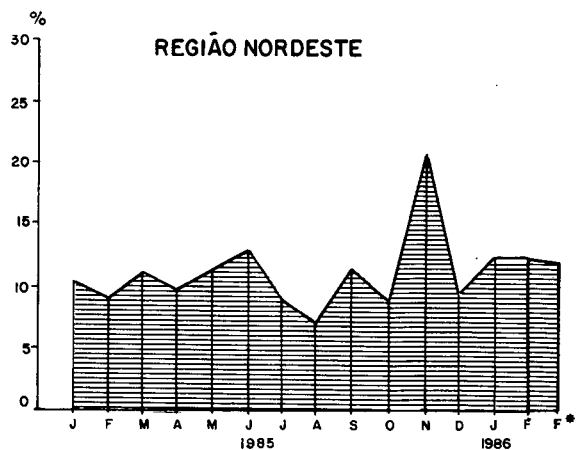
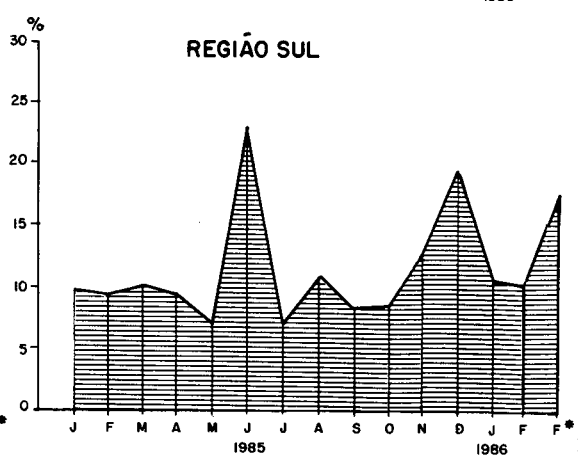
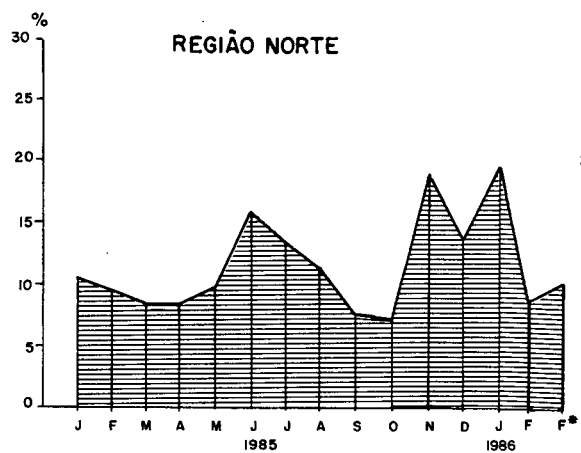
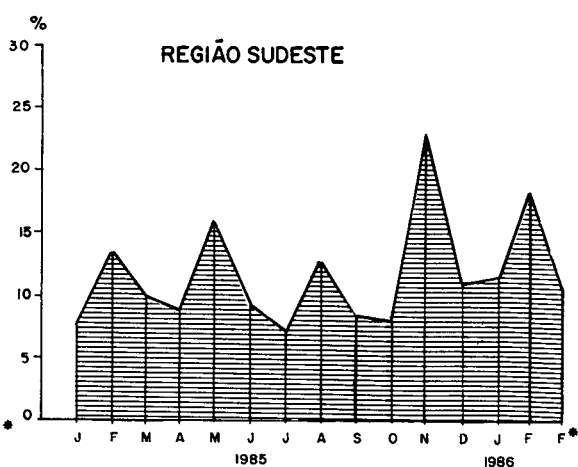
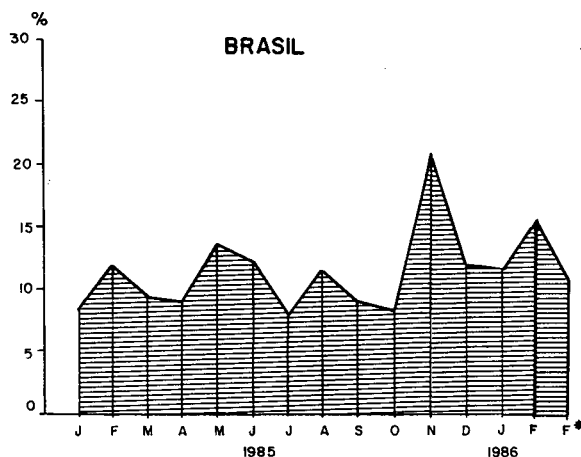
Finalmente cabe destacar que a partir de abril/86, a coleta de preços e salários passou a ser realizada nos três últimos dias úteis de cada mês. Desta forma, os índices refletirão sempre as variações ocorridas no próprio mês de referência.

NOTA - Para informações, dirigir-se ao Departamento de Estatísticas e Índices de Preços (DESIP), Rua Visconde de Niterói, 1246, Bloco B, 13º andar, telefone: 228-4382.

CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

RESULTADOS DO SINAPI

VARIAÇÕES MENSAIS



F* = Índice em 28 fev./86.

4 - CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI

4.1 - CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIACÃO, SEGUNDO GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Resultados do SINAPI		Referência: 28 de fevereiro de 1986			
GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CUSTO MÉDIO (Cr\$/m ²)	Nº ÍNDICE (dez/84 = 100)	VARIACÕES		
			Mensal	Acumulada (1)	Acumulada de doze meses
BRASIL	1 924 091	512,42	11,61	43,64	284,72
REGIÃO NORTE	2 415 339	519,60	10,10	43,56	294,89
Rondônia	2 516 337	496,39	10,73	35,14	272,60
Acre	2 638 481	527,36	9,51	31,26	318,27
Amazonas	2 426 456	546,02	7,43	54,91	296,73
Roraima	3 372 570	593,61	18,57	41,24	348,00
Pará	2 249 506	482,42	11,63	35,96	285,16
Amapá	2 377 263	530,56	16,09	41,93	302,12
REGIÃO NORDESTE	1 896 132	497,53	12,84	42,79	271,95
Maranhão	2 233 155	495,90	13,11	45,11	284,95
Piauí	1 754 416	504,01	13,90	38,88	287,90
Ceará	1 976 365	510,04	13,65	41,02	254,31
Rio Grande do Norte	1 987 712	477,81	11,49	43,43	282,58
Paraíba	1 988 885	468,29	9,29	31,04	264,65
Pernambuco	1 681 700	498,42	5,62	51,23	243,07
Alagoas	1 716 811	460,75	13,98	34,73	253,22
Sergipe	1 982 139	532,99	16,33	56,43	316,07
Bahia	1 923 536	501,18	17,01	42,54	297,19
REGIÃO SUDESTE	1 908 948	523,49	10,39	45,28	290,11
Minas Gerais	1 628 505	512,81	14,23	42,96	288,49
Espírito Santo	1 563 844	489,76	14,50	44,73	284,88
Rio de Janeiro	1 779 861	496,82	6,09	48,30	253,15
São Paulo	2 049 207	536,77	10,90	44,83	304,31
REGIÃO SUL	1 983 727	501,44	15,23	40,35	278,58
Paraná	2 021 617	486,71	14,44	38,10	281,73
Santa Catarina	1 847 298	504,07	11,22	39,24	270,31
Rio Grande do Sul	1 999 435	516,12	17,58	43,10	278,52
REGIÃO CENTRO-OESTE	1 748 587	481,64	13,42	39,48	276,25
Mato Grosso do Sul	2 043 051	533,57	14,36	38,38	255,40
Mato Grosso	1 869 473	473,82	6,02	37,72	274,29
Goiás	1 694 333	481,19	14,97	35,84	278,85
Distrito Federal	1 699 074	473,80	14,21	41,92	280,16

(1) Variação acumulada no período de janeiro/86 até o mês de referência.

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

COMENTÁRIOS

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA AGRÍCOLA DE 1986 PARA O CONJUNTO DO PAÍS LEVANTAMENTOS DE ABRIL E DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

Esta seção contém os resultados do acompanhamento da safra agrícola de 1986, feito com base nos levantamentos de abril, bem como os dados finais desagregados da safra de 1985 dos principais produtos agrícolas. Apresenta, também, comentários sobre as principais mudanças registradas, discute as perspectivas das duas safras de feijão, de batata-inglesa e de amendoim para 1986 bem como o prognóstico da safra de trigo deste ano e analisa a evolução da safra de grãos em comparação com a de 1985.

AVALIAÇÃO DE ABRIL DA SAFRA DE 1986

As estimativas de abril do andamento da safra de 1986 dos treze principais produtos da agricultura brasileira não apresentam substanciais alterações em face às de março (tabela 5.1). Merecem destaque, entretanto, as mudanças ocorridas com o algodão herbáceo, com o milho, com a soja e com a cebola.

A estimativa de abril da safra de *algodão herbáceo* é a de uma produção de 2 091 481 toneladas em 1986, num aumento de cerca de 11% em relação ao prognóstico de março. Esse aumento foi devido, principalmente, à ampliação do rendimento esperado, provocada por condições climáticas favoráveis notadamente no Paraná. Em comparação com 1985, entretanto, espera-se uma queda de 21,1% (tabela 5.2), conseqüência de uma redução de 12,8% na área cultivada resultante dos de estímulo oficiais e de mercado prevaletentes à época do plantio, e de uma diminuição esperada no rendimento de 9,6% causada pela estiagem.

A estimativa de abril para o *milho* é de uma produção de 19 602 973 toneladas em 1986, num aumento de 5% em relação à avaliação de março. Essa melhoria decorre, também, das condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da lavoura, observadas nos últimos três meses nas principais áreas produtoras. Em re

lação à safra de 1985, espera-se para 1986 uma queda de 11,0% (tabela 5.2), conseqüência principalmente da redução do rendimento produzida pela estiagem. Essa redução, mais do que compensou a expansão de 2,0% da área cultivada com o milho, em relação a 1985.

A avaliação de abril da produção de *soja* prevê um aumento de 1,5% em relação a março, para 13 344 373 toneladas. Em comparação com 1985, porém, o total de abril é inferior em 27% (tabela 5.2); essa queda decorre de uma redução de 9,7% na área cultivada — conseqüência das condições de mercado e de estímulo oficial na ocasião do plantio — e de diminuição de 19,2% no rendimento, conseqüência da estiagem.

Ao contrário dessas três lavouras, a estimativa de abril da safra de *cebola* prevê uma redução de 4,9% em relação à de março, para 643 909 toneladas. Esse decréscimo decorre, principalmente, de uma queda de 36,6% na estimativa da área cultivada em Pernambuco. Nesse estado, as más condições climáticas prevalentes no início do ano provocaram danos às sementeiras, reduzindo assim a área plantada com o produto.

Um comentário sobre as perspectivas de produção de *arroz* para 1986: como se pode ver na tabela 5.1, a estimativa de abril é de uma colheita de 10 064 615 toneladas do cereal, previsão quase igual à de março, mas um pouco mais de um milhão de toneladas superior à safra de 1985. O IBGE não vê razão para se esperar produção muito inferior a dessa estimativa; condições climáticas desfavoráveis afetaram a produtividade da lavoura nas regiões em que o cereal é produzido em sequeiro ou nas zonas inundadas da fronteira sul, mas o rendimento do arroz irrigado na presente safra vem-se mostrando excelente. Por essa razão, a expectativa é de uma queda média de apenas 4,8% no rendimento do arroz em 1986. Por outro lado, as condições de mercado e os estímulos governamentais na ocasião do plantio fizeram com que houvesse um aumento de 17,1% em relação a 1985 na área cultivada com o arroz, o que explica o aumento de produção previsto para este ano.

AVALIAÇÕES DAS SAFRAS TOTAIS DE FEIJÃO, BATATA-INGLESA E AMENDOIM

Já existem estimativas das segundas safras de feijão, de batata-inglesa e de amendoim, permitindo uma avaliação das perspectivas da produção total de 1986 desses produtos. Os dados a este respeito encontram-se na tabela 5.3.

No que tange ao *feijão*, verifica-se que, em boa medida, a segunda safra está compensando a acentuada quebra ocorrida na primeira, em conseqüência da estiagem que atingiu o Centro-Sul no fim de 1985. Assim, se a primeira safra de feijão apresentou redução de 25,4% em relação a 1985 (tabela 5.3), pela esti

mativa de abril a segunda safra deverá ultrapassar a do ano passado em 32,6%. Considerando-se a estimativa de abril, a produção total de feijão de 1986 deverá apresentar uma queda de apenas 2,9%, atingindo um montante de 2 314 238 toneladas. Todavia, é mesmo possível que nos próximos meses essa queda venha a desaparecer, uma vez que não se tem ainda avaliação da segunda safra de feijão em todos os estados — embora os dados divulgados cubram as principais áreas produtoras do país.

No que diz respeito à *batata-inglesa*, a expectativa é, também, de um aumento da segunda safra do produto em relação a 1985; todavia, esse aumento está longe de compensar a quebra ocorrida na primeira. Como se pode ver na tabela 5.3, a primeira safra de batata-inglesa de 1986 apresentou uma redução de 23,8% em relação a 1985; já a estimativa de abril, da segunda safra, indica um crescimento de 8% apenas. Assim, prevê-se para 1986 uma diminuição de 14,3% na produção de batata-inglesa em relação a 1985. Poderá, ainda, ocorrer alguma redução nesse percentual em função de aumentos que venham a se verificar na segunda safra, mas dificilmente tais aumentos poderão compensar a quebra acentuada da primeira safra.

A segunda safra de *amendoim* de 1986 deverá apresentar considerável redução em relação à 2ª safra de 1985, em grande parte como resultado de declínios na área cultivada (tabela 5.3). Como a primeira safra também sofreu acentuada queda, pela combinação da redução de área com substancial quebra de produtividade causada pela estiagem, a se confirmar a estimativa de abril da segunda safra do produto, a colheita de amendoim de 1986 sofrerá declínio de cerca de 36%. O amendoim continua a sofrer o impacto do predomínio da soja na extração de óleo.

PROGNÓSTICO DA SAFRA DE TRIGO PARA 1986

Os levantamentos efetuados pelo IBGE em fins de abril permitem avaliar as perspectivas da safra de *trigo* para 1986. Segundo se pode observar na tabela 5.2, a área cultivada com o trigo deverá apresentar, neste ano, um aumento de 30,6%, passando de 2,6 milhões a 3,4 milhões de hectares. O prognóstico de produção, por sua vez, é o de um aumento de 7,1% em 1986, de 4,2 milhões a 4,5 milhões de toneladas.

O aumento mais modesto da produção esperada do que o da área plantada resulta, principalmente, da produtividade excepcionalmente elevada do trigo em 1985. Como é difícil que esta venha a se repetir em 1986, a expectativa é de um aumento menos acentuado de produção.

Note-se, entretanto, que ainda é muito cedo para se fazer estimativa mais segura da produção de trigo. A safra está no início e condições de clima

favoráveis poderão levar a uma produção maior que a esperada; por sua vez, calamidades climáticas (geadas, inundações ou a ocorrência de pragas), bem como problemas de política agrícola tenderiam a reduzir a produção.

SAFRA DE GRÃOS EM 1986

A tabela 5.4 apresenta estimativa preliminar da safra de grãos de 1986, que é comparada à colheita de grãos de 1985. Como se pode ver ali, a área cultivada com o algodão herbáceo, o amendoim, o arroz, o feijão, a mamona, o milho, a soja, o sorgo e o trigo deverá apresentar um acréscimo de 2,1% em 1986, de 37,3 milhões a 38,1 milhões de hectares. Entretanto, a produção total de grãos de verão, segundo a estimativa de abril, apresentar uma queda de 11,2% em 1986, de 58,6 milhões a 52,1 milhões de toneladas. Essa queda se explica, de um lado, pelas condições climáticas excepcionalmente favoráveis da safra de 1985, e do outro, pelas quebras provocadas na atual safra pela estiagem que atingiu o Centro-Sul em fins de 1985.

Em termos de produtos individuais, esperam-se reduções acentuadas no caso do caroço de algodão (- 21,1%), do amendoim (- 36,3%), da mamona (- 18,2%), do milho (- 11,0%) e da soja (- 27,0%); são esperados aumentos apreciáveis apenas no caso do arroz (+ 11,6%), do sorgo (+ 45,4%) e do trigo (+ 7,1%).

DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985 PARA OS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS

As tabelas de 5.5.1 a 5.5.26 apresentam as estimativas finais, a nível de estado, da safra de 1985 dos principais produtos agrícolas. Essas estimativas levam em conta cuidadosa revisão dos levantamentos referentes a 1985, realizados em cada estado pelo respectivo Grupo de Coordenação de Estatísticas Agropecuárias (GCEA), coordenada tecnicamente pela Delegacia de Estatística do IBGE na Unidade da Federação, com a participação de representantes do Ministério da Agricultura, Banco do Brasil, EMATER, CEPA, CFP, Secretarias de Agricultura e do Planejamento, além de outros órgãos e entidades do estado ligados ao planejamento, experimentação, estatística, assistência, fomento, extensão e crédito agrícola, bem assim à comercialização e industrialização de produtos e insumos agrícolas, quer da área pública, como da área privada.

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Estatísticas Contínuas Agropecuárias (DEECA), Rua Visconde de Niterói, 1246, Bloco B, 7º andar, telefone: 248-4706.

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.1 - ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO

CONFRONTO DAS ESTIMATIVAS MARÇO/ABRIL DA SAFRA DE 1986

BRASIL

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Março	Abril	Variação (%)	Março	Abril	Variação (%)	Março	Abril	Variação (%)
TOTAL	38 650 279	38 698 141	0,1	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço) .	1 981 219	1 957 748	-1,2	1 882 035	2 091 481	11,1	950	1 068	12,4
Amendoim (em casca) - 1ª safra	110 437	109 379	-1,0	153 301	152 953	-0,2	1 388	1 398	0,7
Arroz (em casca)	5 568 912	5 575 182	0,1	10 082 952	10 064 615	-0,2	1 811	1 805	-0,3
Batata-inglesa - 1ª safra	94 885	95 066	0,2	929 875	923 125	-0,7	9 800	9 710	-0,9
Cana-de-açúcar	4 022 603	4 026 458	0,1	251 090 889	250 743 092	-0,1	62 420	62 274	-0,2
Cebola	67 021	64 045	-4,4	677 404	643 909	-4,9	10 107	10 054	0,5
Feijão (em grão) - 1ª safra ..	2 879 989	2 891 815	0,4	1 067 457	1 088 689	2,0	371	376	1,3
Fumo (em folha)	256 838	256 194	-0,3	315 622	319 454	1,2	1 229	1 247	1,5
Mamona	437 935	420 945	-3,9	352 972	340 341	-3,6	806	809	0,4
Mandioca	2 040 161	2 050 520	0,5	25 533 141	25 638 127	0,4	12 515	12 503	-0,1
Milho (em grão)	12 050 067	12 032 163	-0,1	18 675 838	19 602 973	5,0	1 550	1 629	5,1
Soja (em grão)	9 093 703	9 172 208	0,9	13 142 271	13 344 373	1,5	1 445	1 455	0,7
Tomate	46 509	46 418	-0,2	1 598 100	1 596 848	-0,1	34 361	34 401	0,1

NOTA - Além das Unidades da Federação que ainda não forneceram a 1ª estimativa para a safra 1986, foram excluídas aquelas que passaram a informar em abril, para fins de comparação, como segue: algodão herbáceo (Pará); cana-de-açúcar (Amazonas, Roraima e Pará); fumo (Bahia); milho (Roraima e Bahia - 2ª safra) e tomate (Amazonas e Bahia).

5.2 - ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO

CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1985 COM AS ESTIMATIVAS PARA 1986

BRASIL

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Colhida (safra 1985)	Plantada (safra 1986)	Variação (%)	Obtida (safra 1985)	Esperada (safra 1986)	Variação (%)	Obtido (safra 1985)	Esperado (safra 1986)	Variação (%)
TOTAL	41 294 761	42 114 754	2,0	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço) .	2 244 253	1 957 748	-12,8	2 651 971	2 091 481	-21,1	1 182	1 068	-9,6
Amendoim (em casca) - 1ª safra	137 151	109 379	-20,2	262 013	152 953	-41,6	1 910	1 398	-26,8
Arroz	4 760 066	5 575 182	17,1	9 019 357	10 064 615	11,6	1 895	1 805	-4,8
Batata-inglesa - 1ª safra	97 013	95 066	-2,0	1 211 080	923 125	-23,8	12 484	9 710	-22,2
Cana-de-açúcar	3 899 558	4 034 346	3,5	246 542 216	251 201 517	1,9	63 223	62 266	-1,5
Cebola	57 790	64 045	10,8	637 029	643 909	1,1	11 023	10 054	-8,8
Feijão (em grão) - 1ª safra ..	2 849 533	2 891 815	1,5	1 459 389	1 088 689	-25,4	512	376	-26,6
Fumo (em folha)	268 604	256 194	-4,6	410 918	319 454	-22,3	1 530	1 247	-18,5
Mamona	495 064	420 945	-15,0	415 879	340 341	-18,2	840	809	-3,7
Mandioca	1 867 350	2 050 520	9,8	23 111 053	25 638 127	10,9	12 376	12 503	1,0
Milho (em grão)	11 801 549	12 032 163	2,0	22 019 725	19 602 937	-11,0	1 866	1 629	-12,7
Soja (em grão)	10 152 751	9 172 208	-9,7	18 278 422	13 344 373	-27,0	1 800	1 455	-19,2
Tomate	53 896	46 418	-13,9	1 931 804	1 596 848	-17,3	35 848	34 401	-4,0
Trigo (em grão)	2 610 183	3 408 725	30,6	4 190 106	4 487 641	7,1	1 605	1 317	-17,9

NOTA - Não foram computados nos totais os dados referentes à safra 1985, das Unidades da Federação que ainda não forneceram a 1ª estimativa para safra 1986, da forma como segue: algodão herbáceo (Pará); cana-de-açúcar (Amazonas e Roraima); fumo (Bahia); milho (Roraima e Bahia - 2ª safra); tomate (Amazonas e Bahia) e trigo (Minas Gerais, Santa Catarina e Mato Grosso).

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO TOTAL DE FEIJÃO, BATATA-INGLESA E
AMENDOIM (1ª E 2ª SAFRAS), PARA 1986 E COMPARAÇÃO COM 1985

BRASIL

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		VARIACÃO (%)	PRODUÇÃO (t)		VARIACÃO (%)
	Colhida (1985)	Plantada (1986)		Obtida (1985)	Esperada (1986)	
Feijão:						
1ª safra	2 849 533	2 891 815	1,5	1 459 389	1 088 689	-25,4
2ª safra (1)	2 073 144	2 321 492	12,0	924 489	1 225 549	32,6
TOTAL	4 922 677	5 213 307	5,9	2 383 878	2 314 238	-2,9
Batata-inglesa:						
1ª safra	97 013	95 066	-2,0	1 211 080	923 125	-23,8
2ª safra (2)	45 937	47 141	2,6	515 836	557 031	8,0
TOTAL	142 950	142 207	0,5	1 726 916	1 480 156	-14,3
Amendoim:						
1ª safra	137 151	109 379	-20,3	262 013	152 953	-41,6
2ª safra (3)	52 609	43 662	-17,0	71 935	59 753	-16,9
TOTAL	189 760	153 041	-19,4	333 948	212 706	-36,3

(1) Não existem ainda informações relativas aos seguintes Estados: Acre, Rondônia, Pará, Amazonas, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia e Rio de Janeiro, e Distrito Federal. (2) Faltam informações relativas aos seguintes Estados: Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, e Distrito Federal. (3) Faltam informações do Estado da Bahia, apenas.

5.4 - SAFRA DE GRÃOS DE 1985 E O PROGNÓSTICO DE ABRIL DA SAFRA DE 1986

BRASIL

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)			PRODUÇÃO (t)		
	1985	1986	(%)	1985	1986	(%)
Caroco de algodão (1)	2 244 253	1 957 748	-12,8	1 767 980	1 394 320	-21,1
Amendoim (2)	189 760	153 041	-19,4	333 948	212 706	-36,3
Arroz	4 760 066	5 575 182	17,1	9 019 357	10 064 615	11,6
Feijão (3)	4 922 677	5 213 307	5,9	2 383 878	2 314 238	-2,9
Mamona	495 064	420 945	-15,0	415 879	340 341	-18,2
Milho	11 801 549	12 032 163	2,0	22 019 725	19 602 937	-11,0
Soja	10 152 751	9 172 208	-9,7	18 278 422	13 344 373	-27,0
Sorgo (4)	154 333	176 962	14,7	232 415	337 935	45,4
Trigo	2 610 183	3 408 725	30,6	4 190 106	4 487 641	7,1
TOTAL	37 330 636	38 110 281	2,1	58 641 710	52 099 106	-11,2

(1) A área no item "caroco de algodão" é a área cultivada com algodão herbáceo. (2) Não incluídos dados da 2ª safra do Estado da Bahia. (3) Não incluídos dados da 2ª safra dos seguintes Estados: Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia e Rio de Janeiro, e Distrito Federal. Essas Unidades da Federação representaram, em 1985, cerca de 16% da área plantada na 2ª safra. (4) Não foram computados os dados do Estado do Paraná.

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.1 - ALGODÃO ARBÓREO (EM CAROÇO)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	1 337 644	188 133	100,00	141
19	CE	449 794	65 705	34,93	146
29	PI	150 784	47 087	25,03	312
39	PB	285 599	26 756	14,22	94
49	RN	318 320	24 971	13,27	78
59	PE	98 687	15 918	8,46	161
69	MA	32 720	6 756	3,59	206
79	BA	1 740	940	0,50	540

5.5.2 - ALGODÃO HERBÁCEO (EM CAROÇO)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	2 244 253	2 651 971	100,00	1 182
19	PR	540 000	1 035 661	39,05	1 918
29	SP	382 000	702 516	26,49	1 839
39	MG	156 363	208 663	7,87	1 334
49	BA	129 161	161 193	6,08	1 248
59	GO	64 060	116 030	4,38	1 811
69	CE	305 754	114 440	4,32	374
79	MS	66 619	106 317	4,01	1 596
89	PB	193 993	52 472	1,98	270
99	PI	61 310	40 634	1,53	663
109	PE	59 866	34 030	1,28	568
119	MT	16 945	21 837	0,82	1 289
129	RN	158 711	20 551	0,77	129
139	AL	68 479	20 073	0,76	293
149	SE	33 831	14 310	0,54	423
159	PA	5 307	2 000	0,08	377
169	MA	1 630	979	0,03	601
	OUTRAS	224	265	0,01	1 183

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.3 - ALHO

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
BRASIL		11 327	46 188	100,00	4 078
19	SC	2 536	13 021	28,20	5 134
29	MG	2 700	10 788	23,36	3 996
39	RS	1 988	5 768	12,49	2 901
49	GO	860	4 980	10,78	5 791
59	SP	754	3 515	7,61	4 662
69	PR	809	2 490	5,39	3 078
79	BA	704	1 905	4,12	2 706
89	ES	375	1 869	4,05	4 984
99	CE	130	560	1,21	4 308
109	PI	91	343	0,74	3 769
119	PB	188	333	0,72	1 771
129	RJ	62	203	0,44	3 274
139	PE	46	140	0,30	3 043
149	DF	23	119	0,26	5 174
159	MS	40	93	0,20	2 325
169	RN	12	48	0,10	4 000
OUTRAS		9	13	0,03	1 444

5.5.4 - AMENDOIM (EM CASCA) 1ª SAFRA

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
BRASIL		137 151	262 013	100,00	1 910
19	SP	113 538	223 252	85,22	1 966
29	PR	12 598	25 425	9,70	2 018
39	RS	6 092	6 108	2,33	1 003
49	MS	2 154	3 617	1,38	1 679
59	MG	1 498	1 506	0,57	1 005
69	MT	176	233	0,09	1 324
79	GO	80	90	0,03	1 125
OUTRAS		1 015	1 782	0,68	1 756

5.5.5 - AMENDOIM (EM CASCA) 2ª SAFRA

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
BRASIL		55 813	77 241	100,00	1 384
19	SP	47 408	66 569	86,18	1 404
29	BA	2 730	4 827	6,25	1 768
39	PR	1 300	1 400	1,81	1 077
49	SE	1 314	1 373	1,78	1 045
59	CE	724	872	1,13	1 204
69	MS	623	795	1,03	1 276
79	PB	1 084	635	0,82	586
89	MT	156	291	0,38	1 865
OUTRAS		474	479	0,62	1 011

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.6 - ARROZ (EM CASCA)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	4 760 066	9 019 357	100,00	1 895
19	RS	720 969	3 207 046	35,56	4 448
29	GO	859 980	1 115 240	12,36	1 297
39	MG	539 445	850 974	9,43	1 577
49	MA	642 068	622 877	6,91	970
59	MT	406 589	521 776	5,79	1 283
69	SP	305 775	508 111	5,63	1 662
79	SC	144 005	446 366	4,95	3 100
89	MS	242 341	323 993	3,59	1 337
99	PR	200 000	296 000	3,28	1 480
109	PI	208 101	266 807	2,96	1 282
119	RO	147 851	220 548	2,45	1 492
129	PA	98 679	133 511	1,48	1 353
139	RJ	32 205	104 709	1,16	3 251
149	ES	35 151	97 970	1,09	2 787
159	CE	37 147	89 420	0,99	2 407
169	BA	49 015	66 513	0,74	1 357
179	SE	18 183	29 307	0,32	1 612
189	AC	22 520	27 792	0,31	1 234
199	PE	5 807	20 041	0,22	3 451
209	AL	6 429	18 096	0,20	2 815
219	RR	9 726	15 689	0,17	1 613
229	PB	9 360	14 871	0,16	1 589
239	RN	7 574	8 592	0,10	1 134
249	DF	6 682	8 482	0,09	1 269
259	AM	3 206	3 218	0,04	1 004
269	AP	1 258	1 408	0,02	1 119

5.5.7 - AVEIA (EM GRÃO)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	142 020	157 420	100,00	1 108
19	RS	74 918	61 932	39,34	827
29	SC	41 545	56 485	35,88	1 360
39	PR	25 514	38 909	24,72	1 525
	OUTRAS	43	94	0,06	2 186

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.8 - BANANA

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (mil cachos)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (cachos/ha)
	BRASIL	441 094	500 415	100,00	1 134
1º	BA	54 000	74 412	14,87	1 378
2º	SP	42 413	47 830	9,56	1 128
3º	CE	29 298	42 064	8,41	1 436
4º	RO	45 240	40 720	8,14	900
5º	SC	25 044	37 085	7,41	1 481
6º	MG	34 263	35 365	7,07	1 032
7º	RJ	32 130	33 737	6,74	1 050
8º	GO	35 430	31 370	6,27	885
9º	PE	20 836	31 284	6,25	1 501
10º	ES	27 641	21 503	4,30	778
11º	MT	23 160	15 985	3,19	690
12º	PA	11 654	15 285	3,05	1 312
13º	PB	10 222	14 504	2,90	1 419
14º	MA	8 128	10 739	2,15	1 321
15º	PR	5 433	8 179	1,63	1 505
16º	AL	7 125	7 993	1,60	1 122
17º	RS	7 530	6 961	1,39	924
18º	MS	4 343	5 681	1,14	1 308
19º	AC	4 027	5 217	1,04	1 296
20º	AM	4 658	4 052	0,81	870
21º	PI	2 554	3 643	0,73	1 426
22º	RN	2 094	3 075	0,61	1 468
23º	SE	2 443	2 609	0,52	1 068
24º	AP	532	413	0,08	776
25º	DF	396	396	0,08	1 000
26º	RR	500	313	0,06	626

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.9 - BATATA-INGLESA - 1ª SAFRA

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
BRASIL		97 013	1 211 080	100,00	12 484
1ª	PR	24 888	353 708	29,21	14 212
2ª	MG	17 308	295 197	24,37	17 056
3ª	SP	12 374	222 266	18,35	17 962
4ª	RS	28 472	200 156	16,53	7 030
5ª	SC	13 356	131 396	10,85	9 838
6ª	ES	326	3 645	0,30	11 181
7ª	RJ	113	1 165	0,10	10 310
8ª	DF	40	640	0,05	16 000
OUTRAS		136	2 907	0,24	21 375

5.5.10 - BATATA-INGLESA - 2ª SAFRA

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
BRASIL		60 356	778 178	100,00	12 893
1ª	SP	13 998	268 296	34,48	19 167
2ª	MG	13 274	244 375	31,40	18 410
3ª	PR	14 104	143 814	18,48	10 197
4ª	RS	13 158	64 572	8,30	4 907
5ª	SC	3 426	30 504	3,92	8 904
6ª	DF	485	10 403	1,34	21 449
7ª	PB	1 173	8 164	1,05	6 960
8ª	BA	270	3 450	0,44	12 778
9ª	ES	203	2 242	0,29	11 044
10ª	RJ	181	1 794	0,23	9 912
11ª	SE	78	486	0,06	6 231
OUTRAS		6	78	0,01	13 000

5.5.11 - CACAU (EM AMÊNDOA)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
BRASIL		640 241	419 581	100,00	655
1ª	BA	540 000	361 800	86,23	670
2ª	RO	41 589	29 443	7,02	708
3ª	PA	32 130	13 357	3,18	416
4ª	ES	20 884	12 306	2,93	589
5ª	AM	2 785	1 247	0,30	448
6ª	MT	2 406	1 009	0,24	419
OUTRAS		447	419	0,10	937

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.12 - CAFÉ (EM COCO)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	2 483 000	3 753 379	100,00	1 512
19	MG	622 000	1 277 626	34,04	2 054
29	SP	780 000	1 032 240	27,50	1 323
39	PR	431 000	588 089	15,67	1 364
49	ES	398 000	556 565	14,83	1 398
59	BA	92 000	118 259	3,15	1 285
	OUTRAS	160 000	180 600	4,81	1 129

5.5.13 - CANA-DE-ACÚCAR

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	3 899 558	246 542 216	100,00	63 223
19	SP	1 666 176	125 872 013	51,06	75 545
29	AL	482 590	24 338 040	9,87	50 432
39	PE	413 361	20 826 398	8,45	50 383
49	MG	280 146	16 212 575	6,58	57 872
59	RJ	217 084	10 946 510	4,44	50 425
69	PB	178 351	10 746 800	4,36	60 256
79	PR	140 878	10 425 000	4,23	74 000
89	GO	90 100	6 028 860	2,45	66 913
99	BA	83 000	3 237 000	1,31	39 000
109	MS	50 650	3 170 806	1,29	62 602
119	ES	45 408	2 740 320	1,11	60 349
129	RN	52 433	2 575 486	1,04	49 120
139	CE	44 731	1 881 335	0,76	42 059
149	MT	31 891	1 866 236	0,76	58 519
159	SE	26 543	1 601 861	0,65	60 350
169	MA	23 697	1 108 747	0,45	46 788
179	SC	22 833	1 082 237	0,44	47 398
189	RS	32 087	971 292	0,39	30 271
199	PI	11 413	542 876	0,22	47 566
209	PA	3 753	257 841	0,10	68 703
219	AM	1 208	59 192	0,02	49 000
229	RR	70	1 610	0,00	23 000
	OUTRAS	1 155	49 181	0,02	42 581

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.14 - CEBOLA

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	57 790	637 029	100,00	11 023
19	SP	14 389	236 877	37,18	16 462
29	RS	18 175	172 876	27,14	9 512
39	SC	14 399	148 130	23,25	10 288
49	PR	4 590	27 635	4,34	6 021
59	PE	2 366	22 721	3,57	9 603
69	BA	2 565	20 361	3,20	7 938
79	SE	23	148	0,02	6 435
	OUTRAS	1 283	8 281	1,30	6 454

5.5.15 - CENTEIO (EM GRÃO)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	12 609	13 222	4,86	1 049
19	PR	10 713	11 100	3,61	1 036
29	SC	1 206	1 470	21,89	1 219
39	RS	690	652	-5,51	945

5.5.16 - CEVADA (EM GRÃO)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	110 321	164 726	49,32	1 493
19	RS	48 324	66 104	36,79	1 368
29	PR	36 297	56 623	56,00	1 560
39	SC	25 656	41 902	63,32	1 633
	OUTRAS	44	97	120,47	2 205

5.5.17 - COCO-DA-BAÍÁ

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (mil frutos)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (frutos/ha)
	BRASIL	166 234	563 126	100,00	3 388
19	BA	35 970	130 982	23,27	3 641
29	CE	21 128	106 075	18,84	5 021
39	SE	42 569	82 967	14,73	1 949
49	RN	19 966	74 436	13,22	3 728
59	AL	16 623	56 857	10,10	3 420
69	PE	12 348	48 157	8,55	3 900
79	PB	9 529	24 550	4,36	2 576
89	PA	3 484	20 116	3,57	5 774
99	MA	1 649	5 594	0,99	3 392
109	ES	1 321	3 899	0,69	2 952
119	RJ	291	1 926	0,34	6 619
129	PI	297	1 432	0,25	4 822
	OUTRAS	1 059	6 135	1,09	5 793

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.18 - FEIJÃO (EM GRÃO) 1ª SAFRA

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	2 849 533	1 459 389	100,00	512
1º	PR	659 500	475 000	32,55	720
2º	SC	255 485	229 251	15,71	897
3º	BA	356 076	199 758	13,69	561
4º	SP	220 827	147 360	10,10	667
5º	RS	156 166	114 754	7,86	735
6º	MG	245 166	77 222	5,29	315
7º	CE	368 000	73 600	5,04	200
8º	PI	277 949	53 284	3,65	192
9º	RN	180 683	45 216	3,10	250
10º	ES	48 348	17 014	1,17	352
11º	MA	39 167	7 727	0,53	197
12º	MS	14 484	6 819	0,47	471
13º	MT	14 593	5 978	0,41	410
14º	RJ	6 804	3 650	0,25	536
15º	GO	4 900	1 960	0,13	400
16º	DF	1 385	796	0,05	575

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.19 - FEIJÃO (EM GRÃO) 2ª SAFRA

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
BRASIL		2 467 546	1 088 989	100,00	441
1ª	SP	259 623	225 985	20,78	870
2ª	MG	375 176	160 596	14,75	428
3ª	BA	251 965	93 478	8,58	371
4ª	SC	150 669	82 902	7,61	550
5ª	PE	270 462	79 260	7,28	293
6ª	PB	297 952	78 268	7,19	263
7ª	GO	193 010	72 000	6,61	373
8ª	AL	123 080	40 532	3,72	329
9ª	MT	90 983	38 895	3,57	427
10ª	RO	61 107	35 122	3,23	575
11ª	ES	58 013	27 447	2,52	473
12ª	PR	64 264	24 617	2,26	383
13ª	RS	48 178	23 457	2,15	487
14ª	MA	49 476	23 305	2,14	471
15ª	MS	31 603	23 201	2,13	734
16ª	PA	40 328	21 593	1,98	535
17ª	SE	49 024	12 207	1,12	249
18ª	PI	16 506	7 237	0,66	438
19ª	RJ	12 699	6 931	0,64	546
20ª	AC	9 529	4 056	0,37	426
21ª	CE	6 657	3 727	0,34	560
22ª	RN	4 499	2 329	0,21	518
23ª	AM	1 279	992	0,09	776
24ª	RR	983	482	0,04	490
25ª	AP	345	212	0,02	614
26ª	DF	136	158	0,01	1 162

5.5.20 - FUMO

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
BRASIL		268 604	410 918	100,00	1 530
1ª	SC	90 000	160 055	38,95	1 778
2ª	RS	90 566	154 838	37,68	1 710
3ª	PR	19 150	35 980	8,76	1 879
4ª	AL	31 578	31 414	7,64	995
5ª	BA	21 274	16 098	3,92	757
6ª	SE	4 312	4 726	1,15	1 096
7ª	MG	6 418	4 278	1,04	667
8ª	SP	1 015	533	0,13	525
9ª	PB	442	320	0,08	724
10ª	GO	430	234	0,06	544
11ª	CE	149	40	0,01	268
12ª	MT	47	19	0,00	404
OUTRAS		3 223	2 383	0,58	739

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.21 - LARANJA

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (1 000 frutos)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (frutos/ha)
BRASIL		662 316	70 994 540	100,00	107 191
1º	SP	503 629	58 668 036	82,64	116 491
2º	SE	28 313	4 922 921	4,12	103 236
3º	RJ	34 429	2 204 299	3,10	64 024
4º	MG	31 758	1 947 380	2,74	61 319
5º	RS	20 480	1 771 356	2,50	86 492
6º	BA	16 000	1 248 000	1,76	78 000
7º	PR	4 530	374 950	0,53	82 770
8º	MA	2 666	293 000	0,41	109 902
9º	SC	2 718	203 418	0,29	74 841
10º	GO	2 550	188 430	0,27	73 894
11º	PE	2 949	184 133	0,26	62 439
12º	ES	1 946	160 295	0,23	82 372
13º	PI	1 218	142 546	0,20	117 033
14º	PB	1 651	128 656	0,18	77 926
15º	CE	1 800	93 600	0,13	52 000
16º	MT	704	62 200	0,09	88 352
17º	AL	664	39 420	0,06	59 367
18º	MS	469	31 596	0,04	67 369
19º	RR	133	3 724	0,01	28 000
OUTRAS		3 709	326 580	0,44	88 051

5.5.22 - MANDIOCA

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
BRASIL		1 867 350	23 111 053	100,00	12 376
1º	BA	409 000	5 317 000	23,01	13 000
2º	PA	146 185	1 903 943	8,24	13 024
3º	PR	85 800	1 722 864	7,45	20 080
4º	RS	127 601	1 515 830	6,56	11 879
5º	PE	144 555	1 474 707	6,38	10 202
6º	SC	88 213	1 180 775	5,11	13 385
7º	MG	91 074	1 118 925	4,84	12 286
8º	MA	165 320	1 020 687	4,42	6 174
9º	PI	66 910	1 013 463	4,39	15 147
10º	AM	79 514	954 172	4,13	12 000
11º	SP	38 537	784 679	3,40	20 362
12º	CE	95 535	764 591	3,31	8 003
13º	RN	53 978	541 139	2,34	10 025
14º	PB	56 284	526 526	2,28	9 355
15º	RO	29 261	493 378	2,13	16 861
16º	ES	29 267	482 046	2,09	16 471
17º	SE	35 158	462 292	2,00	13 149
18º	MS	25 540	451 869	1,96	17 693
19º	MT	25 112	351 174	1,52	13 984
20º	GO	23 880	339 680	1,47	14 224
21º	AC	16 265	283 867	1,23	17 453
22º	RJ	12 061	186 350	0,81	15 451
23º	AL	16 094	148 369	0,64	9 219
24º	AP	4 259	46 099	0,20	10 824
25º	RR	1 557	21 558	0,08	13 846
26º	DF	390	5 070	0,01	13 000

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.23 - MILHO (EM GRÃO)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	11 801 549	22 019 725	100,00	1 866
1º	PR	2 332 840	5 803 713	26,36	2 488
2º	RS	1 744 881	3 558 591	16,16	2 039
3º	MG	1 506 528	3 015 115	13,69	2 001
4º	SP	1 146 768	2 895 322	13,15	2 525
5º	SC	932 094	2 159 049	9,81	2 316
6º	GO	734 120	1 690 770	7,68	2 303
7º	BA	495 058	430 073	1,95	869
8º	MT	242 913	410 500	1,86	1 690
9º	MS	143 236	327 334	1,49	2 285
10º	PI	363 476	259 033	1,18	713
11º	ES	130 388	230 512	1,05	1 768
12º	PE	301 467	196 199	0,89	651
13º	CE	443 786	165 070	0,75	372
14º	PB	281 448	157 501	0,72	560
15º	RO	90 850	147 664	0,67	1 625
16º	PA	122 759	134 587	0,61	1 096
17º	MA	359 744	125 141	0,57	348
18º	SE	98 526	102 579	0,47	1 041
19º	RJ	44 696	67 955	0,31	1 520
20º	RN	141 689	50 307	0,23	355
21º	AL	105 880	49 018	0,22	463
22º	AC	22 818	25 770	0,12	1 129
23º	DF	4 000	7 200	0,03	1 800
24º	RR	8 665	7 183	0,02	829
25º	AM	1 877	2 738	0,01	1 459
26º	AP	1 042	801	0,00	769

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.24 - SOJA (EM GRÃO)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	10 152 751	18 278 422	100,00	1 800
1ª	RS	3 637 173	5 711 149	31,26	1 570
2ª	PR	2 196 370	4 413 000	24,14	2 009
3ª	MS	1 307 640	2 558 720	14,00	1 957
4ª	MT	795 438	1 656 039	9,06	2 082
5ª	GO	734 210	1 356 240	7,42	1 847
6ª	SP	498 553	960 386	5,25	1 926
7ª	MG	446 848	882 607	4,83	1 975
8ª	SC	420 130	563 882	3,08	1 342
9ª	DF	45 260	91 787	0,50	2 028
10ª	BA	63 000	75 600	0,41	1 200
11ª	MA	8 129	9 012	0,05	1 109

5.5.25 - TRIGO (EM GRÃO)

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	2 670 448	4 322 845	100,00	1 619
1ª	PR	1 295 548	2 642 153	61,12	2 039
2ª	RS	970 804	1 001 958	23,18	1 032
3ª	MS	201 037	317 664	7,35	1 580
4ª	SP	154 902	295 995	6,85	1 911
5ª	SC	40 000	51 200	1,18	1 280
6ª	MG	7 551	12 929	0,30	1 712
7ª	GO	368	557	0,01	1 514
8ª	DF	88	227	0,01	2 580
9ª	MT	150	162	0,00	1 080

5 - ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

5.5 - DADOS FINAIS DA SAFRA DE 1985

5.5.26 - TOMATE

ORDEM	UF	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO OBTIDA (t)	(%)	REND. MÉDIO OBTIDO (kg/ha)
	BRASIL	53 896	1 931 804	100,00	35 843
1º	SP	19 400	809 500	41,91	41 727
2º	PE	9 240	265 003	13,72	28 680
3º	BA	5 482	183 921	9,52	22 550
4º	MG	4 156	157 846	8,17	37 980
5º	RJ	2 497	110 217	5,71	44 140
6º	GO	2 050	82 550	4,27	40 268
7º	ES	1 050	51 915	2,69	49 443
8º	RS	2 824	51 726	2,68	18 317
9º	PB	1 579	48 125	2,49	30 478
10º	PR	1 028	42 268	2,19	41 117
11º	SC	1 354	42 049	2,18	31 055
12º	CE	1 295	41 045	2,12	31 695
13º	DF	256	12 382	0,64	48 367
14º	RN	487	11 553	0,60	23 723
15º	MA	242	7 387	0,38	30 525
16º	SE	235	4 020	0,21	17 106
17º	MS	140	3 884	0,20	27 743
18º	AM	130	1 820	0,09	14 000
19º	MT	79	1 818	0,09	23 013
20º	RR	22	264	0,01	12 000
	OUTRAS	350	2 511	0,13	7 174

6 - SUPLEMENTO

CONSTRUÇÃO CIVIL - ÍNDICES DE INSUMOS TÍPICOS

José Guilherme Almeida dos Reis
Assessor-Chefe da Diretoria de Economia

1. INTRODUÇÃO

Este documento contém séries de índices de produção física de produtos considerados tipicamente insumos da construção civil. As séries de índices apresentam resultados mensais e trimestrais que poderão servir como primeira aproximação para o acompanhamento conjuntural do setor.

Os resultados anuais desses índices são utilizados pela Fundação Getúlio Vargas (que, em alguns casos, substitui a produção física por informações do consumo aparente), como medida indireta da evolução do produto real da construção civil.

2. NOTAS METODOLÓGICAS

São resumidos, a seguir, os procedimentos metodológicos adotados na construção dos índices. Eles se baseiam, em sua concepção mais geral, no documento nº 12 do projeto conta de produção desenvolvido no DECNA, intitulado Indicador do Produto Real da Construção Civil - Metodologia e Apresentação dos Resultados Preliminares para o Período 1972 a 1983, de autoria de Magdalena Gões.

2.1 - Dados Primários

Os dados primários referem-se à produção física mensal de 35 produtos integrantes da Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF). A classificação desses itens como tipicamente destinados ao setor de Construção Civil, levou em conta as informações contidas na Matriz de Relações Intersetoriais de 1975. Considerou-se insumo para construção civil todo produto que tivesse, no mínimo, 70% de sua produção destinada àquele setor; no caso de seis produtos esse limite foi reduzido para 50%. Todos os produtos têm cobertura planejada superior a 70%.

A tabela, a seguir, contém a relação dos produtos e a participação de cada item no consumo total do setor.

RELAÇÃO DE PRODUTOS E RESPECTIVOS PESOS

P R O D U T O S	P E S O S
Granito em placas	0,0048
Mármore em placas	0,0088
Gesso ou gipsita	0,0014
Cimento comum	0,1243
Vidro plano	0,0075
Vidro de segurança	0,0087
Pedra britada	0,0456
Postes de concreto	0,0135
Canos, tubos e manilhas de fibrocimento	0,0160
Massa de concreto	0,0471
Argamassa e reboco	0,0110
Chapas e telhas de fibrocimento	0,0383
Lajotas, soleiras e degraus de cerâmica	0,0050
Tijolos cerâmicos refratários	0,0253
Ladrilhos cerâmicos	0,0241
Azulejos lisos	0,0162
Azulejos decorados	0,0235
Cal hidratada	0,0127
Vergalhões	0,0675
Tubos sem costura	0,0091
Tubos e canos de ferro fundido	0,0112
Arame de aço comum	0,0366
Pregos, tachas e arestas de ferro e aço	0,0121
Estruturas metálicas	0,0869
Esquadrias de metais não-ferrosos	0,0323
Tubos de aço com costura	0,0508
Conexões e flanges de ferro e aço	0,0277
Bombas hidráulicas	0,0069
Elevadores para passageiros	0,0208
Fios e cabos condutores de cobre isolado	0,0812
Chuveiros elétricos	0,0036
Tintas à base de água	0,0355
Tintas à base de plástico	0,0073
Pisos de material plástico	0,0051
Mangueiras, canos e conexões de plástico	0,0612

2.2 - Ponderações

O peso de cada produto é dado pelo valor desse insumo no total do consumo intermediário do setor de construção civil na Matriz de Relações Interse^utoriais de 1975. Para se obter a estimativa desses valores foi feita uma compati^ubilização entre a classificação produto-matriz 1975 e produtos da Pesquisa Indus^utrial Mensal.

2.3 - Cálculo

O procedimento de cálculo é idêntico ao adotado nos Índices de produção industrial — produção física. Consiste na operacionalização do Índice de Laspeyres, no qual os preços permanecem constantes. Dessa forma, no cálculo de índices intermediários, os pesos de cada produto, dados em valor, são atuali^uzados pela evolução das quantidades. Supõe-se constante, portanto, a estrutura de preços relativos implícita na estrutura de consumo intermediário da construção civil dada pela MRI-75⁽¹⁾.

2.4 - Ajustes dos Resultados Anuais

A utilização de índices de insumos para acompanhamento do nível de atividade da construção civil admite, como hipóteses básicas, que a participação do consumo intermediário da construção civil na composição do destino da produ^ução permaneça constante e que a composição da oferta (entre produção interna e importações) também não se altere. Como estão disponíveis, para alguns produtos, dados anuais de consumo aparente, a FGV substitui, no cálculo do Índice de produ^uto real, as informações de produção física pelos dados de consumo aparente, quan^udo há divergências significativas.

De forma a compatibilizar os resultados anuais assim obtidos, pro^ucedemos a um ajuste dos resultados mensais com base em um fator dado pela rela^ução entre os resultados anuais obtidos com inclusão de dados de consumo aparente e aquelas que incluem apenas informações de Produção Física.

3. RESULTADOS

3.1 - Índices Divulgados

Para o período 1981/85 são divulgados: a) Índices mensais: base fixa (média de 1981 = 100), e mensal (base em igual mês ano anterior); b) Índices acumulados: acumulado no ano civil (base em igual período do ano anterior) e 12 meses (base nos 12 meses imediatamente anteriores); e c) Índices trimestrais:

(1) Esta hipótese nos parece mais adequada que a de estabilidade na estrutura de Consumo. Estamos assumindo que o crescimento de um produto acima da média dos demais é decorrente de mudanças na tecnologia ou no tipo de obra realizada, ambas independentes de alterações de preços relativos.

trimestre em relação a igual trimestre do ano anterior e em relação ao trimestre precedente.

Os índices são apresentados sem e com o ajuste de final de ano. O ajuste foi realizado apenas para os anos de 1984 e 1985.

3.2 - Comentários

Os resultados dos índices de insumos da construção civil revelam, no período 1982/85, uma trajetória semelhante à dos índices de produção industrial (ver gráfico página 79).

Assim, em 1982, primeiro ponto para o qual se dispõe de taxa de crescimento anual, a queda de 2% é ligeiramente superior àquela verificada na indústria de transformação (-0,4%).

O ano de 1983 é caracterizado por um forte decréscimo no nível de atividade da construção civil, provavelmente como decorrência do corte de gastos públicos então efetuado. A queda atinge 14,3% ao final do ano e é mais intensa nos três primeiros trimestres do ano. O quarto trimestre de 1983 e em especial o mês de dezembro, revela já indícios da recuperação que se observaria no ano seguinte.

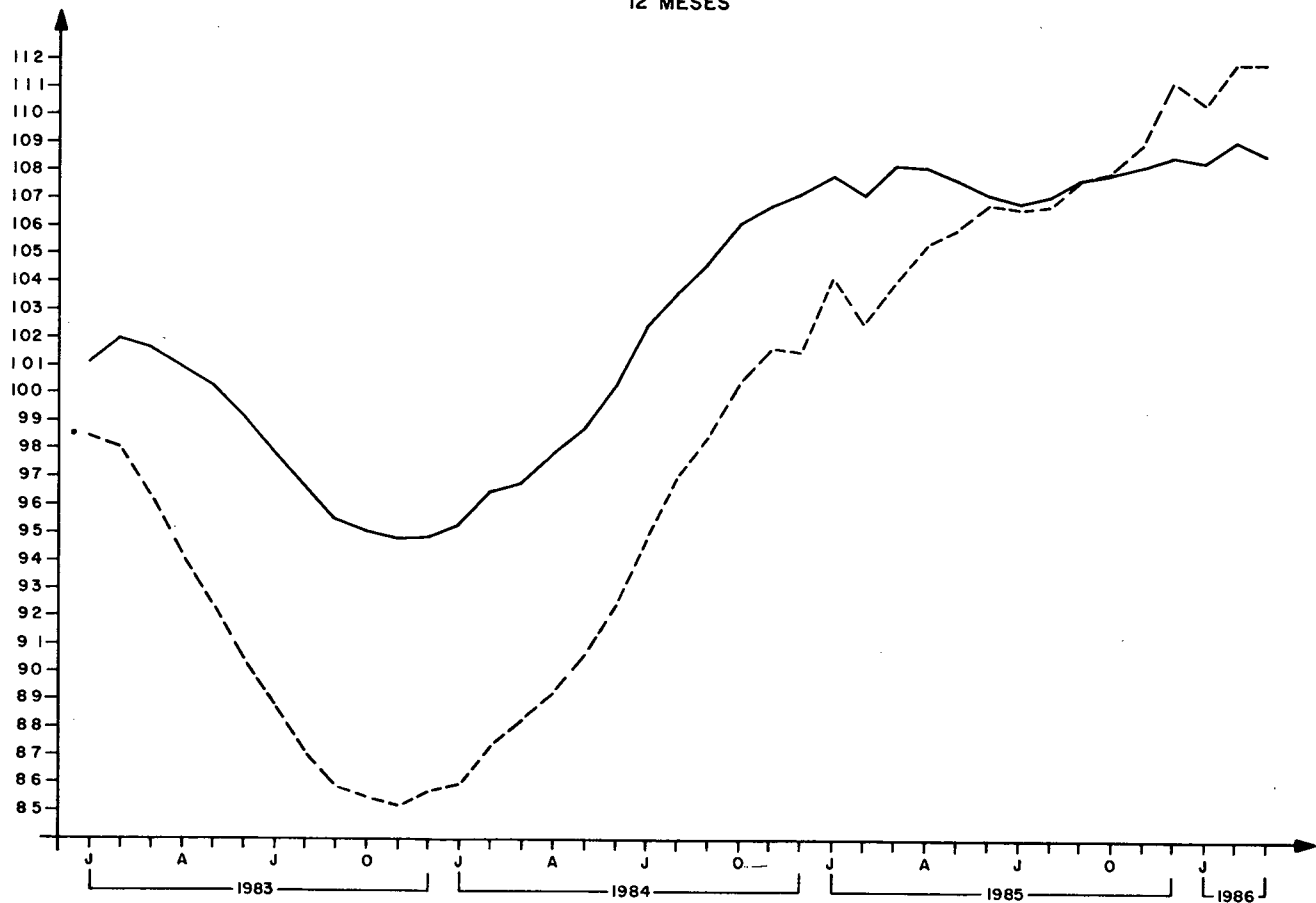
O processo de recuperação da economia brasileira iniciado em 1984 esteve fortemente calcado no avanço das exportações. Os dados ajustados revelam que a indústria de construção ainda se apresentou em queda no primeiro semestre do ano (-1,6%), compensada por uma expansão de cerca de 5% no segundo semestre, quando o crescimento industrial se generalizou. A diferença entre o resultado anual ajustado (1,6%) e o não ajustado (4,8%) é explicada pela ampliação das exportações de alguns insumos típicos, notadamente àqueles ligados à metalurgia.

A construção civil mostra forte recuperação em 1985 e no início de 1986. As taxas de crescimento situam-se ao redor de 9% nos três primeiros trimestres de 1985, acelerando-se no final do ano (17% no último trimestre) e no primeiro trimestre de 1986 (18,8%). A retomada de algumas obras públicas por parte dos governos estaduais e federais e o aumento da demanda por instalações industriais parecem explicar este comportamento. Observe-se, entretanto, que o nível médio de produção de 1985 é ainda cerca de 5% inferior ao de 1981.

NOTA — Para informações, dirigir-se à Diretoria de Economia, Rua Visconde de Niterói, 1246, Bloco B, 12º andar, telefone: 264-5490.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL E CONSTRUÇÃO CIVIL

1983 A 1986
ÍNDICE ACUMULADO:
12 MESES



— PRODUÇÃO INDUSTRIAL
- - - CONSTRUÇÃO CIVIL

1 - ÍNDICES DE INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

1.1 - BASE FIXA (MÉDIA DE 1981 = 100)

ANOS	ÍNDICES BASE FIXA											
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1981	106,7	104,7	105,6	95,0	97,6	95,1	105,4	100,4	96,6	101,6	96,7	93,7
1982	92,2	92,8	106,3	101,7	102,7	100,3	103,2	103,1	97,6	96,5	92,0	86,8
1983	82,9	75,7	87,7	82,6	86,5	81,5	82,2	85,7	84,3	86,9	84,9	85,7
1984	83,0	83,5	84,6	79,2	88,7	84,4	91,5	93,3	88,1	99,0	92,0	86,1
1985	90,8	85,1	92,7	84,4	92,4	92,1	94,9	99,4	97,8	108,6	105,9	104,4
1986	115,2	101,5	102,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

1.2 - MENSAL (BASE: IGUAL MÊS DO ANO ANTERIOR = 100)

ANOS	ÍNDICES MENSAIS											
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1982	86,4	88,6	100,7	107,0	105,3	105,4	97,9	102,7	100,9	95,0	95,2	92,6
1983	89,9	81,6	82,5	81,3	84,2	81,3	79,6	83,1	86,4	90,1	92,2	98,8
1984	100,1	110,3	96,5	95,9	102,5	103,5	111,4	108,8	104,5	113,8	108,4	100,4
1985	109,4	101,8	109,5	106,5	104,2	109,1	103,7	106,5	111,0	109,7	115,1	121,3
1986	126,8	119,4	110,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

1.3 - ACUMULADO (BASE: IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR = 100)

ANOS	ÍNDICES ACUMULADOS											
	Janeiro	Janeiro/fevereiro	Janeiro/março	Janeiro/abril	Janeiro/maió	Janeiro/junho	Janeiro/julho	Janeiro/agosto	Janeiro/setembro	Janeiro/outubro	Janeiro/novembro	Janeiro/dezembro
1982	86,4	87,5	91,9	95,4	97,3	98,6	98,5	99,0	99,2	98,8	98,5	98,0
1983	89,9	85,7	84,6	83,7	83,8	83,4	82,8	82,9	83,2	83,9	84,6	85,7
1984	100,1	105,0	102,0	100,4	100,9	101,3	102,7	103,5	103,6	104,7	105,0	104,6
1985	109,4	105,6	106,9	106,8	106,3	106,8	106,3	106,3	106,8	107,2	107,9	109,0
1986	126,8	123,2	118,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

1.4 - ACUMULADO DE DOZE MESES (BASE: IGUAL PERÍODO IMEDIATAMENTE ANTERIOR = 100)

ANOS	ÍNDICES ACUMULADOS DE DOZE MESES											
	Até janeiro	Até fevereiro	Até março	Até abril	Até maio	Até junho	Até julho	Até agosto	Até setembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
1983	98,4	98,0	96,3	94,2	92,4	90,4	88,8	87,1	85,9	85,5	85,2	85,7
1984	86,3	88,3	89,5	90,7	92,3	94,1	96,9	99,3	100,9	103,1	104,5	104,6
1985	105,4	104,7	105,9	106,7	106,9	107,3	106,7	106,5	107,0	106,7	107,3	109,0
1986	110,5	111,9	111,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

1.5 - TRIMESTRAL (BASES: IGUAL TRIMESTRE DO ANO ANTERIOR E IMEDIATAMENTE ANTERIOR = 100)

ANOS	TRIMESTRES IGUAIS AOS DO ANO ANTERIOR				TRIMESTRES IMEDIATAMENTE ANTERIORES			
	Janeiro/março	Abril/junho	Julho/setembro	Outubro/dezembro	Janeiro/março	Abril/junho	Julho/setembro	Outubro/dezembro
1981	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	90,8	105,1	96,6
1982	91,9	105,9	100,5	94,3	99,7	104,6	99,7	90,6
1983	84,6	82,3	83,0	93,5	89,5	101,8	100,6	102,2
1984	102,0	100,6	108,2	107,6	97,5	100,5	108,2	101,5
1985	106,9	106,6	107,0	115,1	96,9	100,1	108,6	109,2
1986	118,8	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0

2 - ÍNDICES AJUSTADOS DE INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

2.1 - BASE FIXA (MÉDIA DE 1981 = 100)

ANOS	ÍNDICES BASE FIXA											
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1981	106,7	104,7	105,6	95,0	97,6	95,1	105,4	100,4	96,6	101,6	96,7	93,7
1982	92,2	92,8	106,3	101,7	102,7	100,3	103,2	103,1	97,6	96,5	92,0	86,8
1983	82,9	75,7	87,7	82,6	86,5	81,5	82,2	85,7	84,3	86,9	84,9	85,7
1984	81,5	82,0	83,1	77,8	87,1	82,9	89,9	91,6	86,5	97,2	90,3	84,6
1985	91,0	85,2	92,8	84,6	92,6	92,2	95,1	99,5	98,0	108,7	106,1	104,6
1986	115,2	101,5	102,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

2.2 - MENSAL (BASE: IGUAL MÊS DO ANO ANTERIOR = 100)

ANOS	ÍNDICES MENSAIS											
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1982	86,4	88,6	100,7	107,0	105,3	105,4	97,9	102,7	100,9	95,0	95,2	92,6
1983	89,9	81,6	82,5	81,3	84,2	81,3	79,6	83,1	86,4	90,1	92,2	98,8
1984	97,2	107,1	93,6	93,0	99,5	100,4	108,1	105,6	101,4	110,5	105,2	97,5
1985	111,6	103,9	111,7	108,7	106,3	111,3	105,7	108,7	113,3	111,9	117,4	123,7
1986	126,8	119,4	110,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

2.3 - ACUMULADO (BASE: IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR = 100)

ANOS	ÍNDICES ACUMULADOS											
	Janeiro	Janeiro/fevereiro	Janeiro/março	Janeiro/abril	Janeiro/maió	Janeiro/junho	Janeiro/julho	Janeiro/agosto	Janeiro/setembro	Janeiro/outubro	Janeiro/novembro	Janeiro/dezembro
1982	86,4	87,5	91,9	95,4	97,3	98,6	98,5	99,0	99,2	98,8	98,5	98,0
1983	89,9	85,7	84,6	83,7	83,8	83,4	82,8	82,9	83,2	83,9	84,6	85,7
1984	97,2	101,9	98,9	97,5	97,9	98,3	99,7	100,5	100,6	101,6	101,9	101,5
1985	111,6	107,7	109,1	109,0	108,4	108,9	108,4	108,4	109,0	109,3	110,1	111,2
1986	126,8	123,2	118,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

2.4 - ACUMULADO DE DOZE MESES (BASE: IGUAL PERÍODO IMEDIATAMENTE ANTERIOR = 100)

ANOS	ÍNDICES ACUMULADOS DE DOZE MESES											
	Até janeiro	Até fevereiro	Até março	Até abril	Até maio	Até junho	Até julho	Até agosto	Até setembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
1983	98,4	98,0	96,3	94,2	92,4	90,4	88,8	87,1	85,9	85,5	85,2	85,7
1984	85,9	87,3	88,3	89,3	90,7	92,4	94,9	97,0	98,5	100,4	101,6	101,5
1985	104,1	102,5	104,0	105,3	105,9	106,8	106,6	106,8	107,8	108,0	109,0	111,2
1986	110,5	111,9	111,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

2.5 - TRIMESTRAL (BASES: IGUAL TRIMESTRE DO ANO ANTERIOR E IMEDIATAMENTE ANTERIOR = 100)

ANOS	TRIMESTRES IGUAIS AOS DO ANO ANTERIOR				TRIMESTRES IMEDIATAMENTE ANTERIORES			
	Janeiro/março	Abril/junho	Julho/setembro	Outubro/dezembro	Janeiro/março	Abril/junho	Julho/setembro	Outubro/dezembro
1981	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	90,8	105,1	96,6
1982	91,9	105,9	100,5	94,3	99,7	104,6	99,7	90,6
1983	84,6	82,3	83,0	93,5	89,5	101,8	100,6	102,2
1984	98,9	97,7	105,0	104,4	94,6	100,5	108,2	101,5
1985	109,1	108,7	109,2	117,4	98,9	100,1	108,6	109,2
1986	118,8	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0

Receba em seu endereço a publicação que traça o mais exato perfil da economia brasileira mês a mês:

INDICADORES IBGE

Preço do exemplar avulso Cz\$ 15,00

Preço das assinaturas:

Semestral — Cz\$ 90,00

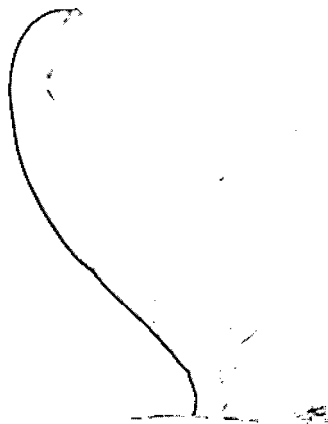
Anual Cz\$ 180,00

Venda e informações nas Livrarias, Delegacias e Agências do IBGE em todos os Estados e Territórios.

No Rio de Janeiro: Av. Brasil, 15 671

21 241 — Rio de Janeiro — RJ.

Tel.: 391-7788 — Ramal 21.



Seguro
não se deixa
pra depois

A Real Seguros tem o seguro específico para proteger tudo o que você tem de mais importante: a casa, o carro, a saúde, o futuro da família - e até um dedinho da mão. Mas você não deve deixar para fazer seguro só quando as coisas acontecerem.

REAL
SEGUROS

Com o seu corretor de seguros ou em qualquer agência

BANCO REAL

O Banco que faz mais por seus clientes.